

AM

AVE MARIA - REVISTA MENSAL - ANO XXI
Nº 9 - SETEMBRO 1989 - NCz\$ 2,00



QUESTÃO AMAZÔNICA

Uma nova leitura bíblica a caminho

TRAIÇÃO OU FIDELIDADE?

SEJAMOS COMUNICAÇÃO



*S*ejamos comunicação,
porque nascemos para isso
da mesma boca de Deus.

*Sejamos comunicação,
porque a sua palavra
se comunica em nossa própria
carne.*

*Sejamos comunicação,
porque fomos marcados
pelo próprio testemunho do
seu Espírito.*

*Comuniquemo-nos, irmãos,
comuniquemo-nos.
Falemos a verdade, contra
toda mentira.
Gritemos a esperança, contra
toda tristeza.
Façamos a mensagem
suprema do amor,
contra todo egoísmo.*

*Saibamos acalmar a gritaria
do próprio coração alvoroçado.
Saibamos senhorear os meios
de comunicação,
porque os filhos do Senhor não
podem ser escravos.*

*Ouçamos toda coisa,
ouçamos toda asa,
ouçamos todo passo.*

*Não podemos deixar-nos
isolar, surdos ou mudos,
nem pelo medo,
nem pelo lucro,
nem pela ordem dos
dominadores.*

*Juntemos nossas bocas num
grito de justiça,
por cima do mar dos vários
mundos,
por cima dos montes das
estruturas todas.*

*Fale o povo pelo rádio,
fale o povo pela imprensa,
fale o povo na TV.
Fale o povo a verdade.
A verdade fale ao povo.
A verdade.*

*Do alto dos telhados,
no coração do mundo.*

*Em torno do tumulto que
atordoia os humanos,
forcemos o espaço da humana
liberdade
para a notícia do Reino.*

Gritemos o Evangelho.

*Saibamos ser palavra
transmissora da palavra,*

*verbos do verbo, que se
encarna sempre
na vizinhança de Nazaré;
nas periferias de Belém;
às margens do lago da
multidão faminta;
nas ruas da cidade, onde
gritam
o mercado, a festa e os clarins
do império;
diante do Sinédrio e do
Pretório;
na cruz que eles carregam
sobre os ombros do servo
sofredor;
na silenciada vida do sepulcro;
na vida vencedora da manhã
do domingo.*

*Se um dia não pudermos falar
mais com palavras,
falemos com a vida em pé de
testemunho.*

*Falemos com os olhos aos
irmãos assombrados.
Oremos, sobretudo, aos
ouvidos do Pai.
E talvez protestemos
com a maior palavra
do sangue, proclamada
como pregão de Páscoa.*

Pedro Casaldáliga

2. SEJAMOS COMUNICAÇÃO
Saber ser transmissor da Palavra.
4. A IGREJA NO MUNDO
Notícias.
7. A PALAVRA DO PAPA
É preciso interpretar a realidade à luz do Evangelho.
8. UMA NOVA LEITURA BÍBLICA A CAMINHO
Cresce na América Latina o interesse pela Bíblia.
10. TRAIÇÃO OU FIDELIDADE?
É preciso que a linguagem bíblica seja compreensível hoje.
11. QUANDO DEUS SEDUZ
Jeremias e Oscar Romero.
14. QUESTÃO AMAZÔNICA
O desafio ecológico dos nossos tempos.
22. VOCÊ SABE OUVIR?
Ouvir, além de ser regra de boa educação denota inteligência.
24. MEU LAR, MINHA ALEGRIA
Primavera.
26. PÁGINA CATEQUÉTICA
A catequese medieval.
27. A PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EUCARÍSTICA
(1 out.; 8 out.; 15 out.; 22 out.)
30. MENSAGEM MARIANA
Maria: mulher de fé e de acolhimento.
31. CONSULTÓRIO POPULAR
Questões de fé e de religião.
32. ALCOOLISMO
Não tenha medo de perdê-lo.
34. RECADOS DO CORTÊS
35. CARTÕES DE NATAL

Bíblia, palavra de vida, perene, atual.

Setembro é o mês da Bíblia, palavra de Deus dirigida aos homens para que estes se espelhem em Jesus Cristo porque ele “fala a linguagem de Deus” (Jo 3,34) e aprendam a viver uma fraternidade na qual predomine a verdade e a paz.

A Campanha da Fraternidade deste ano desenvolveu o tema: Comunicação para a verdade e a paz, procedente da proposta da própria Bíblia: Uma vida nova, distante da mentira e da falsidade e distante da agressão e da guerra.

Neste número, o tema da Bíblia tem o primeiro enfoque no poema: “Sejamos comunicação” (pag. 2) de d. Pedro Casaldáliga. A razão citada no título está no primeiro verso... “porque nascemos para isso da mesma boca de Deus”. Vale a pena ler e sobretudo meditar.

No artigo: “Uma Nova Leitura Bíblica a Caminho”, (pag. 8), de Milton Schwantes, uma observação interessante: descobre-se um novo jeito de ler a Bíblia, cada vez mais rica em identidade com a vida real, sobretudo a dos povos empobrecidos e marginalizados do Terceiro Mundo e da América Latina. Também este enfoque é lembrado no artigo do Pe. Isidoro De Nadai, “Traição ou Fidelidade?” (pag. 10).

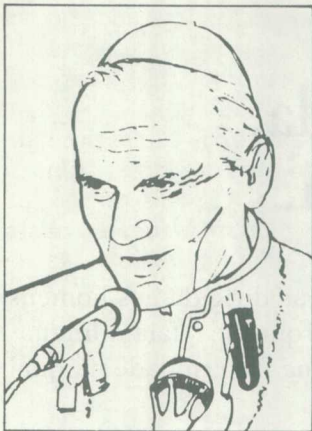
As personalidades da Bíblia sempre aparecem como pessoas profundamente ligadas a Deus. E essa aliança vem se mantendo também nos dias de hoje. Não é preciso muito conhecimento para perceber essa identificação. Basta, como diz Jesus, ter olhos para ver. Confira a semelhança do espírito profético, cujas raízes estão no mesmo Deus que salva e liberta, entre ontem e hoje no artigo de frei Eduardo Quirino de Oliveira, “Quando Deus seduz — Jeremias e Oscar Romero” (pag. 11).

Neste número a revista AVE MARIA também trata de uma questão muito importante que tem provocado manifestações no mundo todo: “Questão Amazônica” (pag. 14). A preservação e a conservação da Amazônia nos faz pensar. Conjuntamente ao problema ecológico está ligado o problema dos índios e dos serigueiros. Esses temas foram tratados por José Carlos Fernandes.

A comunicação continua sendo estudada como instrumento para a verdade e a paz e no artigo “Você sabe ouvir?” (pag. 22) a reflexão é feita sobre o importante papel comunicativo do ouvinte.

A Bíblia é uma comunicação diferente e, mais do que isso, é comunicação do Espírito que tudo renova e com o qual o homem se desenvolve, progride e se aperfeiçoa. É preciso “ouvir” e “sentir” seu sopro que freqüentemente aparece nas páginas do Livro Sagrado. O discípulo Timóteo (II Tm 3,16-17) lembra que a Bíblia é “divinamente inspirada, útil para ensinar, para repreender, para corrigir e formar na justiça. Por ela o homem de Deus se torna perfeito, capacitado para toda obra”.

P.C.G.



Paz com o Criador e com a criação

João Paulo II escolhe o tema da Ecologia para o próximo "Dia Mundial da Paz", 1.º de janeiro de 1990, com o título: PAZ COM O CRIADOR E COM A CRIAÇÃO.

No primeiro dia do próximo ano, o papa convida a comunidade internacional para refletir sobre o aspecto moral da crise ecológica mundial. Porque o desrespeito ao meio ambiente toca no centro da paz, atinge a obra e seu autor. Hoje, acontece um uso irresponsável dos recursos naturais. A água, a terra e o ar estão sendo usados de modo egoísta, para fins lucrativos, sem responsabilidade pelo bem comum. Assim a crise ecológica reflete uma crise moral de falta de respeito à vida. A terra e seus bens são patrimônio comum da humanidade. Deus é o Criador de todas as coisas. Colocou uma ordem no mundo que deve ser respeitada. A irresponsabilidade pelo meio ambiente, que conserva a vida, é falta de paz com o Criador e com a criação.

As pessoas e os povos não são donos absolutos do mundo. Podem usar dos bens da terra, de acordo com o projeto de Deus, para o seu bem e das gerações futuras. Pois todos devem respeitar o bem comum. A paz com a criação, com o ambiente, com a natureza deve se exprimir em ações e obras concretas, em decisões pessoais e coletivas, que defendam todos os aspectos da vida. A paz depende dessa defesa da Ecologia. Sem o esforço solidário de todos pela conservação de um ambiente sadio não pode existir a paz. É urgente trabalhar pela paz com Deus Criador e com toda a criação.

7.º Encontro Intereclesial de CEBs

Realizou-se em Duque de Caxias, Rio de Janeiro, o 7.º Encontro Intereclesial de Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), de 10 a 14 de julho, com 1800 participantes de 225 dioceses do Brasil e 19 países da América Latina, inclusive 120 irmãos de 12 Igrejas Evangélicas e 30 representantes de povos indígenas. Para o presidente da Conferência dos Bispos, dom Luciano Mendes de Almeida, o 7.º Intereclesial foi "partilha de profunda comunhão e esperança em Jesus Cristo; intensa vivência de fraternidade e notável convivência ecumênica". Para ele, "estão de parabéns as 1100 famílias, que abriram as casas e o coração para receber com alegria

os participantes, apesar da pobreza e violência da Baixada Fluminense; a Diocese vizinha de Nova Iguaçu, que fez questão de oferecer, duas vezes ao dia, 2200 refeições". Para dom Luciano, "as CEBs têm consciência de suas limitações, mas devem agradecer a Deus que, com menos de 30 anos de caminhada, aparecem os frutos: a mensagem de dinamismo e esperança, o empenho na promoção dos humildes e a união entre fé e vida, que seus membros procuram sempre mais realizar". Na missa de encerramento, no Centro Esportivo Correa Meyer, com seis mil pessoas, o 7.º Intereclesial contou com toda a Presidência da Conferência, além de dom Luciano Mendes, dom Paulo Ponte, vice-presidente, e dom Antônio Celso de Queiroz, secretário-geral.

SÍNTESE DA CARTA DO 7.º ENCONTRO DE CEBs.

O 1.º dia mostrou a situação da América Latina, com respostas de 107 grupos sobre "as marcas do sofrimento do povo latino-americano". O capitalismo, "através da dívida externa e da submissão de nossos governos, continua enriquecendo uma minoria à custa do sangue dos pobres". Após 500 anos de presença neste continente, "nós cristãos tempos de pedir perdão pelo mal que praticamos em nome do cristianismo". No 2.º dia, enfrentando a situação, buscaram "as motivações de fé que temos para lutar pela transformação da socie-

dade". A Palavra de Deus é fonte de motivação para a ação política. Como cristãos, "temos muito a contribuir para melhorar e humanizar a ação política, participando de partidos políticos". No 3.º dia, descobriram na Palavra de Deus "o que mais toca e ilumina a vida das comunidades e as lutas do povo". As comunidades imitam de perto a comunidade dos primeiros cristãos na alegria, na partilha, no serviço. Animam as pessoas a se organizarem para prestar ao povo o serviço da libertação. Nelas reaparecem os mistérios para promover a solidariedade. Nas comunidades, o índio, o negro e a mulher reencontram o seu lugar, sua identidade e sua missão. Finalmente, o sinal do Reino que mais marcou o 7.º Encontro foi o passo dado em busca do ecumenismo. Sem o ecumenismo, é impossível realizar a missão que Jesus nos confiou. Terminaram a carta apresentando questões e desafios.

Para Boff, CEBs são espaço político

Duque de Caxias (AGEN) — "Nossa política é alegre, celebrativa e feliz". Esta declaração foi feita por Clodovis Boff, no 2.º dia de plenária, dia 12, do 7.º Encontro Intereclesial de CEBs, quando o teólogo da libertação sintetizou as várias discussões realizadas ao redor do compromisso cristão na política.

A apenas 4 meses das

eleições presidenciais, Boff lembrou que a questão partidária emergiu de maneira irreversível nas CEBs, pois estas entenderam que para transformar a sociedade tinham que usar a ferramenta chamada partido. Conseqüentemente, surgiu uma nova frente, que Boff denominou Pastoral Político-Partidária.

Defendendo a Igreja como instituição, o teólogo afirmou que ela tem a responsabilidade de criar esta Pastoral, já que foi ela quem a gerou. Segundo ele, é justamente neste espaço que os cristãos adquirem a competência política para serem autônomos e independentes e, além disso, concretizar um partido que seja popular, transformador e democrático.

5ª romaria da terra no Paraná

A realização da 5ª romaria da terra no Paraná ocorreu em Medianeira, dia 2 de julho de 1989. Apesar da chuva, 25 mil romeiros do Estado, como também da Argentina, Paraguai, São Paulo e Mato Grosso do Sul, reuniram-se para denunciar o retrocesso da reforma agrária. Após a caminhada inicial, houve duas encenações: 1) - sobre os problemas causados por Itaipu aos agricultores; 2) - sobre os problemas causados ao Regional Sul-2 da CNBB pela organização dos trabalhadores rurais. Em ambos os casos, foram denunciadas as mortes, lembrados os conflitos de ter-

ra e conclamada a sociedade para retomar a luta pela terra. A 5ª romaria terminou com celebração ecumênica, em que houve partilha do pão produzido e trazido pelos assentados do Paraná, mostrando que a terra quando é partilhada produz e acaba com a fome, gerando "vida em abundância".

Migração é tema de debate

Em Genebra, Suíça, a CNBB debateu o tema da migração, na sede da OIT (Organização Internacional do Trabalho), com representantes de 90 países, na 39ª reunião da Comissão Católica Internacional de Migrações (CCIM), realizada de 3 a 6 de julho de 1989, para estudar "Orientações Estratégicas para os anos 90". O representante da Conferência dos Bispos foi o responsável pelo Serviço de Pastoral dos Migrantes, dom Antônio Possamai, bispo diocesano de Ji-Paraná, em Rondônia. O encontro revelou o crescimento do fenômeno de refugiados e migrantes no mundo nesta década de 80. O Brasil destacou a realidade das migrações internas no país. A América Latina chamou a atenção do mundo para as causas da migração, que são basicamente a injustiça institucionalizada e a dívida externa. Houve eleição do novo Comitê Diretor da Comissão Católica Internacional das Migrações, com representantes também da América Latina, Ásia e África. O en-

contro terminou com o compromisso dos participantes em cinco setores prioritários: 1) - promover de maneira mais vigorosa e ampla a proteção e assistência aos refugiados; 2) - pressionar os parlamentares para que as leis garantam proteção e assistência a todas as categorias de migrantes; 3) - facilitar a repatriação voluntária individual ou massiva, com capacitação, orientação e preparação dos refugiados; 4) - eliminar a discriminação das minorias religiosas no mundo dos migrantes e refugiados; 5) - conseguir respostas mais eficazes para a situação de migrantes internos e regionais através de investigação, documentação e divulgação da realidade.

Pastoral de Fronteiras

Bispos bolivianos e brasileiros realizaram seu 4º Encontro sobre Pastoral das Fronteiras, em São Paulo, no Seminário Arquidiocesano de Filosofia, dias 5 e 6 de junho de 1989, com 16 participantes, entre bispos (9), subsecretários-gerais (2) e assessores (5). Participaram cinco bispos brasileiros, os três da Presidência da CNBB e os bispos de Cáceres (Mato Grosso) e Corumbá (Mato Grosso do Sul).

Vieram quatro bispos da Bolívia, vice-presidente e secretário-geral da Conferência e os bispos de Beni e Chiquitos. Partiram de uma análise do momento econômico, político e social de cada país. A Bolívia destacou a problemática

do tráfico de cocaína, favorecido pelo Brasil. O Brasil mostrou sua preocupação com a destruição da fauna, flora e dos habitantes da floresta amazônica. Os dois países ressaltaram a questão pastoral da migração e das seitas. Professor Anselmo Verneck fez uma análise do assalto à Amazônia pelas hidrelétricas, mineradoras, madeireiras, latifundiários e construtoras de estradas.

O Serviço Pastoral dos Migrantes da CNBB mostrou que a situação social dos dois países favorece o fluxo migratório e a situação incerta, insegura e vulnerável do migrante faz crescer as seitas. Diante dessa realidade, os bispos bolivianos e brasileiros fizeram estas propostas, entre outras: 1) buscar caminhos pastorais para conscientizar sobre a gravidade do *narcotráfico*, que destrói "valores de nossas culturas e a vida de nossos povos", denunciando a cumplicidade dos que se beneficiam com esse comércio criminoso; 2) denunciar toda exploração da Amazônia para lucro de poucos e toda injustiça contra os habitantes da região, declarando "nossa solidariedade e nosso apoio" às organizações dos índios e dos seringueiros; 3) dedicar atenção especial aos migrantes, oferecendo-lhes acolhimento, hospitalidade e caridade pastoral, e convocando os legisladores para que encontrem formas de um tratamento respeitoso para com esses irmãos. O encontro terminou com eucaristia, na igreja de Nossa Senhora da Paz, com participação de migrantes bolivianos e do Serviço Pastoral dos Migrantes da CNBB.

PARA RENOVAR SUA ASSINATURA (OU FAZER UMA ASSINATURA NCVA) UTILIZE O CUPOM RECIBO DEPÓSITO. É MAIS FÁCIL, É MAIS ECONÔMICO, É MAIS RÁPIDO.

As CEBs em clima de Revolução Francesa

Frei Betto

Na data do bicentenário da Revolução Francesa, encerrou-se, em Duque de Caxias, o 7.º Encontro Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base. Durante cinco dias, dois mil participantes vindos de todo o Brasil debateram o tema *Povo de Deus a caminho da libertação da América Latina*. Delegações de 18 países do continente se fizeram presentes. Entre lavradores e operários, 90 bispos brasileiros misturaram-se ao povão das CEBs, inclusive dom Luciano Mendes de Almeida, presidente da CNBB, e o cardeal Paulo Evaristo Arns, arcebispo de São Paulo.

Poucos eventos no Brasil comparam-se a esse como vivência do lema da Revolução Francesa. Havia completa **liberdade**: nos grupos e plenários, leigos sequiosos de uma Igreja mais evangélica questionavam teólogos, padres e bispos. A "fila do povo" conduzia à tribuna livre o índio que descrevia o drama de seu povo, a religiosa negra que narrava a discriminação que sofre e o poeta popular que cantava em versos a esperança na próxima eleição presidencial. A **igualdade** transparecia no direito de todos falarem, na participação dos leigos nas celebrações litúrgicas e nas filas em que preladados e pobres aguardavam a mesma comida. E a **fraternidade** mostrava-se no clima pentecostal do evento, onde a presença viva do Deus da vida reluzia no rosto oprimido e esperançoso daquela gente. Mais de mil famílias da Baixada Fluminense abriram suas portas para acolher os participantes. Numa casa, a família ajeitou-se na sala para deixar o único quarto aos três militantes das CEBs. De manhã, as crianças ficaram indóceis quando viram pães sobre a mesa. Mas a mãe as preveniu de que eram "para as visitas"... Um bairro acolheu seus hóspedes com um forró que durou até o amanhecer. Em suma, viveu-se ali naquela região, tão conhecida pela violência, a antecipação do socialismo democrático que constitui o objetivo político dos cristãos engajados na luta por justiça.

O grande tema subdividiu-se nos estudos da realidade latino-americana, da relação entre fé e política e da eclesialidade das CEBs. Constatou-se que a dívida externa é a causa principal da miséria e da fragilidade da redemocratização do continente. Em 1992, deve ser lembrada a invasão ibérica, consumada pelo genocídio de mais de 30 milhões de índios. Viu-se ainda que, nesta conjuntura, não se podem separar fé e política. A fé é o horizonte utópico da política, e esta o meio prioritário de encarnação social do conteúdo da fé. E a chave de ouro do 7.º Encontro das CEBs foi o acento na sua eclesialidade, no novo modo de ser Igreja e de a Igreja ser, em comunhão com os pastores e no compromisso com a luta por uma nova sociedade. Enfim, a Igreja dos pobres saiu de Duque de Caxias, onde foi recebida por dom Mauro Morelli, mais fortalecida e unida.



Foto da capa:
Verbo filmes

REVISTA AVE MARIA 09.89

Pagável em qualquer agência do Banco Itaú S/A.

AG. CENTRALIZADORA 0186 - HIGIENÓPOLIS - SP assinatura nova renovação
AG. 0186 CONTA 18.081 DAC 6 CEP 01.238 CIDADE/ESTADO SÃO PAULO - SP VALOR Nc\$ 20,00

nome: _____

endereço: _____

cep/cidade/estado _____

REVISTA AVE MARIA 09.89

Pagável em qualquer agência do Banco Itaú S/A.

AG. CENTRALIZADORA 0186 - HIGIENÓPOLIS - SP assinatura nova renovação
AG. 0186 CONTA 18.081 DAC 6 CEP 01.238 CIDADE/ESTADO SÃO PAULO - SP VALOR Nc\$ 20,00

nome: _____

endereço: _____

cep/cidade/estado _____

AUTENTICAÇÃO MECÂNICA

AUTENTICAÇÃO MECÂNICA

Pensamento político de João Paulo II

O papa João Paulo II, em suas viagens, declarações e documentos, tem levado em conta os problemas políticos internacionais.

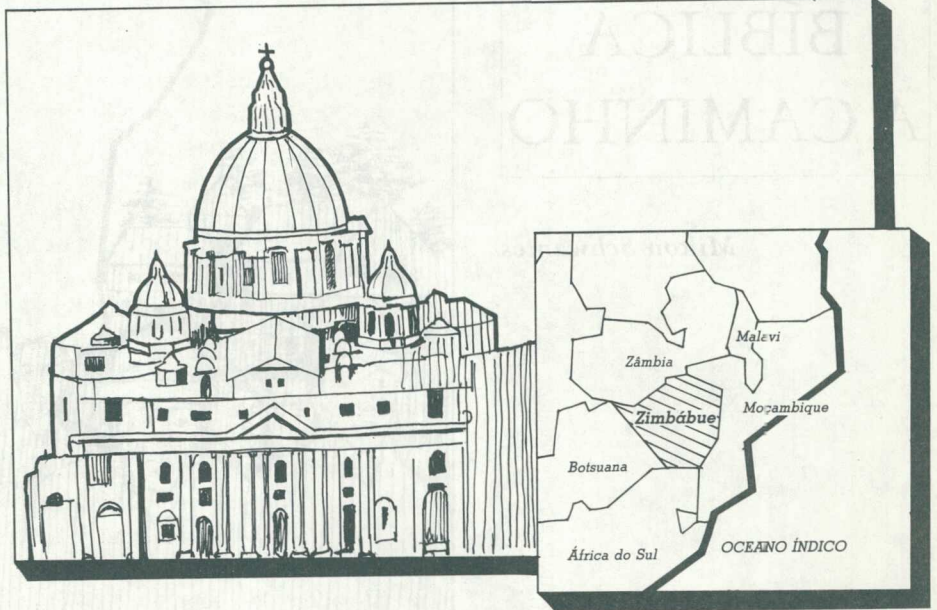
Para os cristãos que vivem em países de transição democrática, como o Brasil, muitas das afirmações do papa surgem como orientação e guia para esse processo.

Na visita ao Paraguai (16/5/1988), diante do presidente da República e autoridades, declarou sobre a missão da política: "... é antes de tudo um serviço ao homem. É competência do poder político criar e potenciar aquelas condições sociais que favorecem o bem autêntico e completo".

Em Zimbábue (África), em 11/9/1988, diante do Corpo Diplomático, ressaltou o problema da fome: "Todos os seres humanos têm o direito fundamental ao que é necessário para sustentar a vida. Ignorar esse direito é condenar os nossos irmãos à extinção ou a uma existência subumana. A fome no mundo é um aspecto de toda uma série de questões que devem ser enfrentadas, a fim de que o mundo possa encontrar o próprio equilíbrio".

A encíclica *Christifidelis Laici* (sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo) fala no n.º 42 sobre a participação política: "Para animar cristãmente a ordem temporal, os fiéis leigos não podem abdicar da 'participação política'. A política em favor da pessoa e da sociedade encontra a sua linha constante de ação na defesa e na promoção da justiça, base da dignidade pessoal do ser humano. No exercício do poder político é fundamental o espírito de serviço. Isso pressupõe a luta aberta e a decidida superação de certas tentações, tais como o recurso à deslealdade e à mentira, o desperdício do dinheiro público em benefício de uns poucos, o uso de meios equívocos ou ilícitos para a todo custo conquistar, conservar e aumentar o poder".

Comumente o papa João Paulo II



tem alertado sobre a solidariedade no desenvolvimento, como na assembléia plenária do pontifício conselho "Cor Unum" (21/11/1988): "É preciso que os cristãos e todos os homens de boa vontade se dêem melhor conta da urgência dos apelos à solidariedade humana. Os bens de que o mundo dispõe são imensos e a sua distribuição é cruelmente desigual. É a própria dignidade do homem que está em causa".

O sumo pontífice tem se dedicado de maneira especial a questões do trabalho, como em sua visita pastoral à diocese de Grosseto (Itália) no dia 21/5/1989: "Quem não tem trabalho encontra-se numa situação objetivamente injusta; e a sociedade, com suas instituições, deve facilitar-lhe uma solução adequada, sem o constranger, e resignar-se ante o desemprego, como se fosse um fenômeno inevitável. Nos desempregados é a sociedade mesma que está ferida, porque não recebe o contributo de quem pode e deve trabalhar".

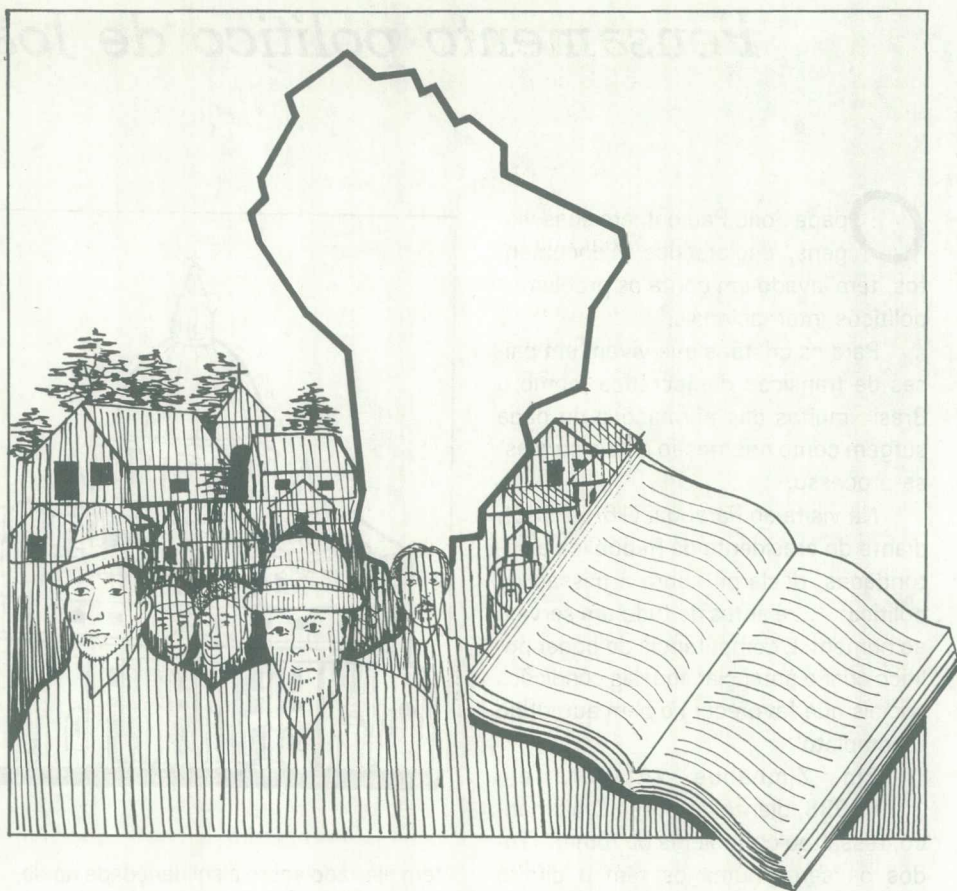
A questão da propriedade privada foi objeto de seu discurso no Uruguai, em Melo, em 8/5/1988: "Aqueles que possuem terras e outras classes de bens devem ter presente que sobre toda a pro-

priedade privada 'grava uma história social' que os obriga a procurar que as suas propriedades rendam em benefício da coletividade".

Uma das melhores expressões do pensamento político da Igreja e do papa é o documento *Solicitudo rei socialis* (*A solicitude social*), lançado em fevereiro de 1988. Trata sobre a **dívida externa**: "A razão que levou os povos em vias de desenvolvimento a aceitarem a oferta de abundantes capitais disponíveis foi a esperança de poder empregá-los em atividades de desenvolvimento. Tendo mudado as circunstâncias no mercado financeiro internacional, o meio destinado ao desenvolvimento dos povos tornou-se um travão e, em certos casos, até mesmo uma acentuação do subdesenvolvimento"; e sobre a **doutrina social da Igreja**: "Esta não é uma terceira via' entre o capitalismo liberalista e o coletivismo marxista, nem sequer uma possível alternativa a outras soluções menos radicalmente contrapostas. É o resultado de uma reflexão atenta sobre a realidade do homem. A sua principal finalidade é interpretar essa realidade, examinando a sua conformidade com as linhas do ensinamento do Evangelho".

UMA NOVA LEITURA BÍBLICA A CAMINHO

Milton Schwantes



Um novo jeito de ler a Bíblia pede passagem na América Latina. Alastra-se. Passa de comunidade em comunidade, de Igreja em Igreja. Formou-se uma espécie de corrente da nova leitura bíblica. E este novo jeito já faz história. Percorreu um trajeto significativo, desde seu início. Olhem para esta história já feita, para este caminho.

1. Esta nova leitura está situada num momento específico. Seu contexto são as lutas e resistências de nossos povos. Após séculos de opressão, seus setores mais empobrecidos se recusam a continuar submetidos. Pressionam em prol de mudanças profundas. Impõem limites à gana dos exploradores.

Os pobres exigem respeito à sua vida. Há séculos o fazem, mas sem sucesso. Hoje os pobres não podem mais ser ignorados. Não há quem possa descartá-los.

É o que se passa em toda parte, com maior ou menor nitidez. E não há Igreja que possa fechar as portas aos gritos das mulheres e dos homens deser-

dados. Como haveríamos de ler a Bíblia sem ouvir este grito? Como haveríamos de entendê-la sem a luta e a palavra da gente massacrada na pobreza? Como... se a própria Escritura é testemunho deste grito?

É como se a nova leitura estivesse plantada numa espécie de encruzilhada. Situa-se no encontro entre os movimentos populares, através dos quais o povo se assenhora de seu destino, e nas comunidades de fé, onde os pobres descobrem um novo jeito de ser cristãos. Nesta interseção está localizada a nova leitura bíblica latino-americana.

Ela é, pois, popular de nascença.

Nesta situação, as tradições das Igrejas e a própria pesquisa bíblica foram colocadas diante de novas tarefas.

2. Não é de hoje que cristãos se posicionam do lado dos mais sofridos. Vem de longa data. Tem início com a própria evangelização da América Latina. Mas é nos dias de hoje que este movimento dos cristãos solidários com os oprimidos alcança uma expressão decisiva.

E os próprios empobrecidos tornam cada vez mais marcante sua presença nas Igrejas.

Nestes últimos decênios, um novo jeito de viver a fé vem tomando corpo. Assume contornos cada vez mais nítidos. Esforça-se em testemunhar a fé em Jesus em meio à miséria crescente que lhe é imposta pelo empobrecimento da América Latina.

Desde o início, a Bíblia foi fonte inspiradora para estes cristãos que intuíram ser impossível viver a fé sem lutar contra a pobreza. A Bíblia, sem dúvida, foi importante, mas, bem mais decisiva, por certo, foi a análise da realidade que evidenciava não haver saída para os povos dependentes. É o que caracteriza tanto a Teologia da Revolução quanto a Teologia da Libertação, duas propostas mais bem elaboradas destes últimos decênios.

A Teologia da Revolução — formulada a partir da década de cinqüenta — partia da observação de que só um salto qualitativamente novo e revolucionário propiciaria chances e vida para os empobrecidos. Tinha como sua tarefa

o testemunho de Cristo em meio ao processo revolucionário. É o que podemos ler nas reflexões e nos desafios de Richard Shaull (veja "Dentro do Furação, Richard Shaull e os Primórdios da Teologia da Libertação", Cedi, 1985). No protestantismo, esta abordagem alcançou círculos significativos e continua fazendo escola.

A Teologia da Libertação do final da década de sessenta constatava que o desenvolvimento, patrocinado pelas elites, implicava empobrecimento crescente para a maioria. Esta realidade clama por libertação, por uma prática cristã que crie alternativas, que contribua para mudanças reais. O sujeito de tais transformações são os próprios empobrecidos.

De fato, movimentos como os da Teologia da Revolução e da Teologia da Libertação não foram desencadeados pela Bíblia. Sua origem é mais complexa.

Tem a ver com os avanços e as conquistas dos movimentos populares.

Está relacionada aos novos ventos que, em toda parte, agitavam o cristianismo das décadas de cinquenta e sessenta. É fruto da análise crítica do projeto desenvolvimentista. Sim, muitas são as fontes que abastecem este novo jeito de viver a fé nas Igrejas latino-americanas. E a Bíblia — nisso não resta dúvida — é uma destas fontes.

Parece-me que suas águas vem vertendo com intensidade cada vez maior. Sua contribuição cresce.

3. No início, nas décadas de cinquenta e sessenta, a atenção maior recaía sobre determinados conteúdos bíblicos selecionados. Certas parcelas bíblicas foram fontes inspiradoras. Mencionemos algumas:

No âmbito da Teologia da Revolução, acentuava-se que a história bíblica contém uma dinâmica toda peculiar. Encontra-se expressa no cântico de Ana: "O Senhor abaixa e também exalta; levanta o pobre do pó" (Samuel I 2,7-8). Também a espelha o *Magnificat*: "Derruba dos seus tronos os poderosos e exalta os humildes" (Lucas 2, 52). A história conhece saltos, transformações radicais. Sua dinâmica é revolucionária.

No âmbito da Teologia da Libertação, desde o início se acentuava a centralidade da saída do Egito. O êxodo libertador é chave hermenêutica para o todo da Escritura. Nele se evidencia que a pobreza exige o protesto (veja Gustavo Gutiérrez, *Teologia da Libertação*, capítulo final: "Pobreza como solidariedade e protesto"). Na Bíblia, os empobrecidos são sinais de contestação e protesto!

Certos textos bíblicos mereceram atenção toda especial. Indico, por exemplo, o grande "juízo" em Mateus 25,31-46 e o discurso programático de Jesus em Nazaré, em Lucas 4,16-19. Nestes últimos decênios, essas passagens foram lidas e relidas por todas as comunidades da América Latina. Animaram-nos para a libertação e para o amor aos mais fracos, aos mais famintos, sedentos, nus, migrantes, presos. Tornaram-se textos programáticos.

Generalizando, pode-se dizer que, naqueles primórdios da renovação teológica, prevaleceram determinados conteúdos bíblicos. Certas parcelas da Escritura, certos temas, certos textos recebiam grande destaque. Tudo tendia a convergir para eles.

Esse procedimento foi importante nos anos 50 e 60. Nas circunstâncias em que ocorreu, até foi necessário. Porque a Bíblia, como um todo, estava em "prisão babilônica". Daí ter sido valiosa a possibilidade de resgatar, pelo me-

nos, algumas parcelas, alguns temas, alguns textos, libertando-os para um sentido novo, transformador, engajado, crítico.

A ênfase em parcelas e em textos selecionados representa uma etapa. Foi uma espécie de ponto de partida. Foi o começo da aprendizagem.

4. Já na década de setenta o enfoque era outro. A tônica não era dada por passagens ou textos selecionados. Agora complexos literários maiores passam a ter a preferência. Livros inteiros são tematizados.

Semanas de estudo passam a ter os Atos dos Apóstolos ou a Carta aos Romanos como seus temas. O mês da Bíblia enfocará o livro de Rute ou o Código da Aliança. A ênfase será sempre a mesma: unidades mais abrangentes.

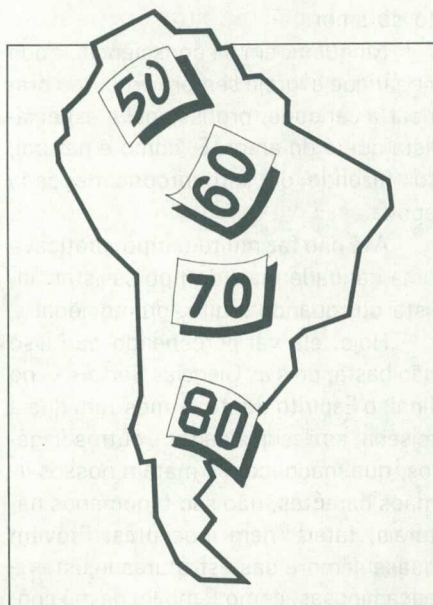
Começa-se a pensar num comentário bíblico latino-americano. As primeiras iniciativas nesse sentido foram reunidas na Argentina, já na década de setenta. Em 1982 era publicado o *Comentário ao Livro de Jó*, de autoria de Jorge Pixley. Este projeto não chegou a ser concluído, mas representa um passo na direção do *Comentário Bíblico* que, a partir de 1985, foi lançado no Brasil. Tais iniciativas objetivam a compreensão de grandes conjuntos literários.

Pelo menos dois aspectos deste novo direcionamento merecem destaque especial. Um é o povo, que, reunido em comunidades, tem acesso a complexos maiores. Apropria-se da Bíblia como conjunto, como um todo.

A rigor, cultos e celebrações tendem a atomizar a Escritura. Parcelam-na. Por isso, a leitura popular de livros bíblicos representa um importante avanço na pastoral.

O outro aspecto é o texto, que recebe maior atenção. Isso acontece quase ao "natural", porque nos encontros de comunidade é retomado o mesmo conjunto literário. Passa a ser lido e relido. Ganha em importância. Justamente nestes últimos anos, cresce na América Latina o interesse pela Bíblia como texto, também entre as comunidades dos pobres.

E hoje? Quais são hoje as questões bíblicas mais palpitantes? ●



T R A I Ç Ã O OU F I D E L I D A D E ?

Uma de nossas irmãs, pertencente a uma seita evangélica, me dizia não entender a maneira como nós, católicos, interpretamos a Bíblia.

Insinuava ela, naturalmente, que, ao "modernizar" a palavra de Deus, nós a estamos traindo.

Na realidade, ela toca num ponto fundamental para o entencimento e para a vivência correta do cristianismo.

Por outro lado, a Bíblia não pode ser lida simplesmente como foi escrita, sob pena de fazermos Deus falar uma linguagem totalmente estranha e incompreensível ao homem de hoje.

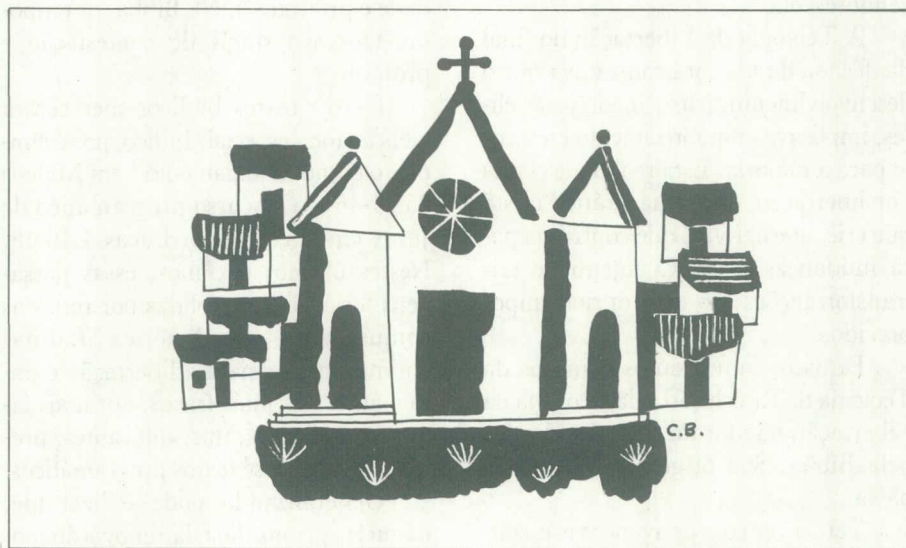
De outra parte, ela não pode ser traduzida para o nosso hoje simplesmente para satisfazer nossa inspiração individual, mesmo quando imaginamos estar agindo sob a influência do Espírito Santo, sob pena de cairmos em perigosos desvios e até desatinos, como também de multiplicar seitas e igrejas.

Quanto à multiplicação de seitas, nem é preciso insistir, pois estamos vendo surgirem como cogumelos depois das chuvas, inclusive com conotação de verdadeiros abusos econômicos.

No que se refere às distorções e aos desatinos, basta recordar o terrível fato, noticiado pelos nossos jornais, do jovem aidético que, convertido a uma dessas seitas, julgou-se curado e, para comprovar a cura, foi doar sangue a um hospital do Rio de Janeiro.

Como sua certeza não batia com a realidade do que se passava, acabou contaminando várias pessoas com a trágica doença!...

De que modo agir nessas circunstâncias? A Igreja nos ensina desde os seus primórdios. Quando São Paulo, ao missionar aos não-judeus, teve dificuldade em traduzir para eles a mensagem do Evangelho, foi a Jerusalém e pediu uma reunião com os outros apóstolos, tendo à frente Pedro, o primeiro papa. Assim reunidos, sob a invocação do Es-



pírito Santo, São Paulo saiu-se bem do embaraço.

Como se vê, nunca a palavra e eu apenas, mas a palavra e o Espírito Santo, na Igreja.

Nessa perspectiva de um Evangelho eterno e de um Evangelho que, para atuar, precisa ir se traduzindo em cada época e em cada circunstância histórica, eu gostaria de situar a prática do único mandamento de Deus, o mandamento do amor.

Ninguém, em sã consciência, pode negar que a Igreja sempre procurou praticar a caridade, profissional e especialista que é do amor. E, como é natural, foi fazendo do jeito próprio de cada época.

Até não faz muito tempo, praticava uma caridade mais do tipo assistencialista ou, quando muito, promocional.

Hoje, ela vai percebendo que isso não basta, pois as Ciências Sociais — no final, o Espírito Santo — mostram que a miséria, as desigualdades e outros flagelos, que machucam e matam nossos irmãos carentes, não são fenômenos naturais, fatais, nem inocentes. Provêm quase sempre das estruturas injustas e pecaminosas, como também da má con-

dução da coisa pública e da corrupção que devasta. Numa palavra, mostram que têm causas políticas.

Conclui-se, pois, que a caridade verdadeira e inteligente não será feita apenas com gestos que doam esmolas e distribuem sacolas ou cestas de Natal, mas que procuram desmontar as estruturas iníquas e acabar com a injustiça e as desigualdades, injustificáveis, visto que são elas a fonte de miséria.

Ora, essa é certamente uma atitude "política".

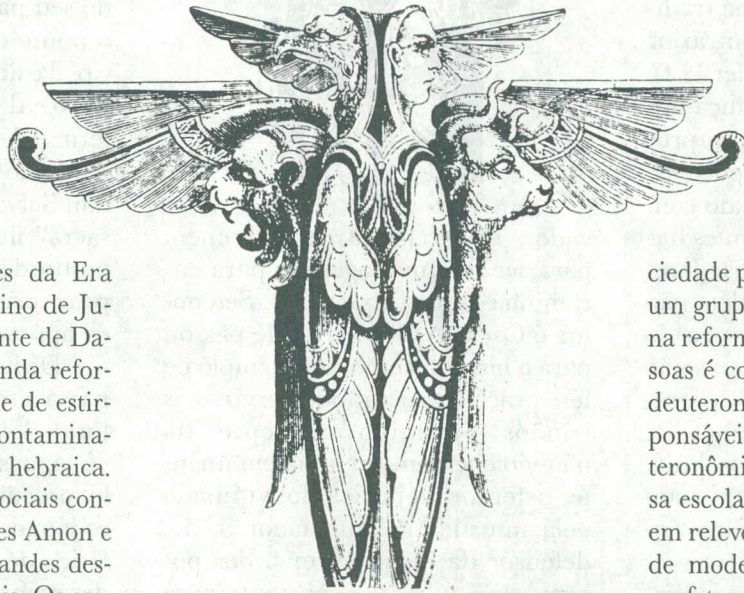
Logo, a Igreja e cada um de nós, se quisermos cumprir de fato o mandamento do amor, precisamos atuar também politicamente, lutando para que a sociedade se organize de maneira mais justa.

Não é outra a missão que o Pai atribuiu a Jesus e que ele assume como programa: "O Senhor me enviou para anunciar a Boa Nova aos pobres, para curar os corações feridos, para anunciar aos prisioneiros a liberdade, para dar vista aos cegos, para libertar os oprimidos, para proclamar o ano da graça do Senhor" (Lc 4,18-19).

Pe. Isidoro De Nadai

QUANDO DEUS SEDUZ

Eduardo Quirino de Oliveira, O.P.



No sétimo século antes da Era Cristã, no pequeno reino de Judá, um piedoso rei, descendente de Davi, resolveu fazer uma profunda reforma religiosa com a finalidade de estirpar o paganismo que havia contaminado profundamente a religião hebraica. Os progressos econômicos e sociais conseguidos por seus antecessores Amon e Manassés foram causa de grandes desvios morais, religiosos e sociais. Os costumes estrangeiros exerceram grande atração sobre a classe média e a idolatria cavou profundos sulcos nas camadas mais humildes da população. Josias era o nome do rei reformador. Sua tarefa era imensa e difícil. Ele pretendia restaurar o *javismo* à sua condição de pureza e austeridade moral, segundo os preceitos de Moisés. O momento histórico era de angústias e expectativas. Assur, o poderoso Estado do norte da Mesopotâmia, era uma das grandes potências da época. O mundo médio oriental estava dividido entre assírios e egípcios.

Em Anatot, pequena cidade situada a sete quilômetros ao norte de Jerusalém, um jovem descendente de família sacerdotal é chamado pelo Senhor a exercer o *munus* profético. Chama-se Jeremias. Ele não quer aceitar a tarefa, pois ela implica numa denúncia e denunciar é muito perigoso, sobretudo em época de abundância para alguns. Jeremias não quer aceitar apesar de Deus já ter decidido que ele será seu mensageiro. “Foi-me dirigida a palavra do Senhor nestes termos: Antes que no seio fostes formado, eu já te conhecia; antes de teu nascimento, eu já te havia con-

sagrado, e te havia designado profeta das nações.” (Jer 1,4-5).

O plano de Deus está claro, porém os interesses do profeta são outros. Jeremias apresenta suas razões para não aceitar tão grande tarefa: “E eu respondi: Ah! Senhor Javé eu nem sei falar, pois que sou apenas uma criança” (Jer 1,6). Jeremias queria dizer que não tinha ainda vinte e um anos, idade que dava ao israelita a possibilidade de fazer uso da palavra publicamente. Mas a ordem divina é peremptória: “Não digas sou apenas uma criança, porquanto irás procurar todos aqueles aos quais eu te enviar, e a eles dirás o que Eu te ordenar” (Jer 1,7). Mas o que será que Deus pede ao profeta que o deixa tão preocupado a ponto de recusar a missão?

Jeremias deve denunciar, criticar, anunciar o dia do castigo. Ele deve pregar uma reforma dos costumes, uma nova atitude religiosa, um novo modo de viver.

Josias conta com o apoio do profeta que, mesmo relutando, aceita a missão divina. Jeremias será a boca de Deus junto ao povo e junto aos mandatários da nação. Ele será o crítico da so-

cidade pecadora. Jeremias fez parte de um grupo de pessoas que trabalharam na reforma de Josias. Esse grupo de pessoas é conhecido como sendo a escola deuteronomica, pois foram eles os responsáveis pela edição do livro do Deuterônimo, feita nessa época. Aliás, nessa escola a função profética é colocada em relevo e a figura principal que serve de modelo é Moisés, o príncipe dos profetas.

Muita coisa foi mudada. Os lugares altos, dedicados ao culto pagão e idolatra, foram suspensos; a Páscoa passou a ser uma festa celebrada publicamente, com grandes solenidades, o culto foi reformado e a literatura se expandiu.

Jeremias lança-se ao trabalho. Os resultados são desastrosos. Ninguém quer ouvi-lo. Seus conterrâneos de Anatot o expulsam. Em Jerusalém, sua pregação causa irritação ao rei Sedecias. Os sacerdotes e anciãos do povo mandam prendê-lo. Os falsos profetas o perseguem. O povo o abandona. Jeremias sente-se só, inteiramente só. Torna-se um sacerdote sem culto, um profeta sem ouvintes, um judeu sem povo.

Nessas condições ele é levado a um alto grau de intimidade com Deus. Torna-se um místico. Esses momentos da vida de Jeremias foram narrados por ele mesmo em textos que hoje são conhecidos com o nome de “Confissões de Jeremias”, textos esses anexados à sua pregação pelo seu fiel secretário Baruc. Quando examinados de perto esses textos nos revelam o caminho percorrido pelo profeta, caminho esse pontilhado de sofrimentos, de dor, de dúvi-

das e anseios, mas cheio de fé e esperança. Jeremias sofre mas crê. “Ah, Senhor, Tu me seduziste e eu me deixei seduzir” (Jer, 20,7). Vítima de injustiças tão clamorosas, Jeremias se põe a discutir com Deus a respeito de sua justiça. Como pode o justo sofrer, se a teologia tradicional diz exatamente o contrário? Onde está a justiça divina? (Jer 12,1). Ele queria obter uma mudança dos corações, um arrependimento profundo. Mas, qual nada. O povo estava profundamente envolvido com a idolatria e os chefes confiantes nas alianças com os estrangeiros. Jeremias tinha razão, mas Jerusalém não se converteu. O estado de pecado continuou. A reforma de Josias não deu os frutos esperados. Ao contrário, foi causa de falsa segurança, de hipocrisia e de formalismo cultural. Os ritos fielmente executados estavam vazios de sentimentos interiores.

Os babilônios, os novos senhores do Oriente Médio, não suportam por muito tempo as insubmissões de Jerusalém que estava se inclinando para o Egito. Em 586 Nabucodonosor, rei dos babilônios, toma a Cidade Santa, incendeia o templo de Salomão, mata uma parte da população, destrói os edifícios e deporta o restante da população.

Antes de partir para Babilônia, Nabucodonosor nomeia Godolias governador de alguns judeus pobres, que ficaram em Judá. Masfa é o centro administrativo. Um grupo de fanáticos assassina Godolias e massacra a pequena guarnição babilônica. Temendo represálias fogem para o Egito e levam Jeremias como refém. De lá ele ainda escreve cartas animando o povo e convidando-o à penitência. Diz a tradição hebraica que morreu vítima de assassinato por seus próprios compatriotas. O caminho que conduziu Jeremias para a morte começou no dia de sua vocação e no momento em que ele se deixou dominar por Deus. Jeremias foi fiel a Deus e amou seu povo.

No século vinte, num pequeno país da América Central, em El Sal-



vador, Deus chama outro homem para ser seu mensageiro e para encaminhá-lo para o sacrifício. Seu nome é Oscar A. Romero. Ele passou para a história como um exemplo de fé e oração, procurando servir seus irmãos oprimidos. Adepto da não-violência, morreu violentamente; defensor da justiça, foi vitimado pela injustiça. “Anunciador da fé, defensor da justiça, irmão dos pobres, ele é um sinal constante para que os cristãos de hoje concretizem a sua adesão a Jesus Cristo no compromisso com a justiça e com as transformações indispensáveis à dignidade da pessoa humana”, eis como d. Luciano Mendes o descreve no prefácio do livro de José Marins: *D. Oscar A. Romero, profeta da libertação*.

Como Jeremias, d. Romero é chamado a exercer a função de mensageiro e pastor em tempo de crise, no meio de uma guerra sangrenta, num clima de injustiças institucionalizadas. Ele assume a arquidiocese de San Salvador como um homem de “confiança”, anticomunista, apolítico, sem antecedentes “perigosos”. O governo de seu país tem, também, projetos de reforma. Mas o que fez esse homem de paz, de passado limpo, pacífico, tornar-se alvo da violência sem fisionomia? Sua fé, sua coragem, sua coerência e sua fidelidade de pastor e profeta. O profeta é o homem que interpreta a história à luz da fé e projeta o futuro. É um historiador ao contrário. Dom Romero viveu o seu tempo e entendeu sua missão histórica. Eis a resposta

à pergunta formulada anteriormente.

Logo que assumiu seu pastoreio teve de enfrentar um fato extremamente doloroso: a morte do Pe. Rutilio Grande, um jesuita seu amigo, assassinado pelas forças de repressão de seu país. Este acontecimento foi o ponto de partida para seu martírio. Posiciona-se em defesa de seu clero e de seu povo contra os “lobos ferozes”. É o início de seu caminho banhado de sangue. O arcebispo de San Salvador caminha pela sua “via sacra” iluminado pela fé e apoiado no bordão da esperança, vivificado pela coragem que outrora animara os apóstolos de Cristo.

De homem de confiança que era passa a ser alvo de suspeitas das autoridades. Estas, não podendo envolvê-lo, passam a persegui-lo e a odiá-lo, procurando eliminá-lo. D. Romero jamais se furtou à sua missão profética de denunciar o erro e defender os mais fracos vitimados pela violência. Homem humilde, consciente de suas limitações, disse em certa ocasião: “Se algum dia eu estacionar, ou pior ainda, voltar atrás e chegar a dizer algo diferente do que estou agora afirmando e assumindo, vocês devem continuar. O caminho é por aqui”.

Nas suas homilias d. Romero aborda uma série de temas que são apreciados não só em El Salvador mas também no mundo todo. Suas reflexões são serenas, objetivas, permeadas de boa teologia e franqueza. As comunidades de base recebem orientação segura e são alertadas para não se deixarem politizar de maneira descabida. Muito interessantes são também suas reflexões a respeito da vida comunitária. Afirma que a vida comunitária e fraterna é parte essencial do cristianismo; se, por um lado, formar comunidade é parte essencial da vocação cristã, por outro, não se pode dizer o mesmo quanto às suas formas concretas de realização comunitária. “Não há nada de revelado neste particular. É o momento histórico e a realidade que se vive que irão sugerindo as formas

concretas às comunidades em cada momento" (4ª carta pastoral, agosto de 1980). Ao governo de seu país d. Romero adverte dizendo: "Quem verdadeiramente quer governar para o autêntico bem comum de todos deve contar com a sincera participação do povo..." (6 de janeiro de 1980). "A Junta Militar é também responsável pelo sangue e pela dor de tanta gente" (20 de janeiro de 1980). D. Romero não se cansou de denunciar as violações dos direitos humanos e não se deixou intimidar pelas frequentes ameaças que lhe eram feitas. Criticou os abusos da Junta cívico-militar, mas não deixou de apoiar a reforma agrária e financeira decretada pelo governo. Recorreu sempre a meios pacíficos mas foi claro e incisivo nas suas posições e inflexível em seus propósitos. Por ocasião do recebimento do Prêmio da Paz, em 1980, que lhe fora concedido pelas igrejas suecas, d. Romero disse: "Entre os cadáveres e os que peregrinamos com este povo, entre a dor e os aplausos, recebo agradecido este incentivo que não é somente para mim, mas para todo este povo querido..."

As ameaças de morte tornam-se cada vez mais frequentes. Ele chega a pensar que querem levá-lo a uma psicose, mas permanece sereno e considera sua serenidade uma graça de Deus. "O que cumpre seu dever de falar e de dizer a verdade, diz ele, seguramente está correndo o risco de morte, como é meu caso." D. Romero foi uma vez processado pelas autoridades judiciais de seu país. Ele afirmou que não estava para medir forças com o governo senão para cumprir seu dever apoiando a causa dos homens. Quando da reunião dos bispos latino-americanos em Puebla ele disse, respondendo a perguntas que lhe foram feitas pelos seus colegas de episcopado: "Desde que sou Arcebispo não faço outra coisa senão recolher os cadáveres de meus sacerdotes e leigos... Parece que isso vai continuar, até que um dia vão recolher o meu próprio cadáver."

Sua morte estava decretada. A homilia do dia 23 de março foi insuportável. Um telefonema anônimo avisou-o que antes do fim da semana o matariam. Dia 24 de março de 1980, d. Romero oficiava uma missa, na capela do Hospital da Divina Providência, na região noroeste da Capital, pela alma da Sra. Sara Meardi de Pinto, no aniversário de sua morte. Pronunciou pausadamente as seguintes palavras: "Peço a todos vocês que elevem uma prece não só pelo descanso de da. Sara, mas também por todas as mortes que dia-a-dia ocorrem neste país".

Foram suas últimas palavras. Alguns segundos depois uma bala mortífera, disparada pelos seus inimigos, abre-lhe o peito atravessando o coração. Caiu de costas. Não chegou à liturgia do sacrifício. Apenas terminara a liturgia da palavra. Seu sangue e sua vida foram as oferendas postas no altar da justiça divina em vez do pão e do vinho habituais. Morria assim vítima da violência dos prepotentes, um dos maiores homens que o século vinte teve o privilégio de abrigar. Cristo recebeu a oferenda de seu servidor fiel. Logo a seguir, no meio da multidão, alguém escreveu com letras toscas num cartaz improvisado: "Dom Oscar Romero, fale com Deus por El Salvador."

Assim terminam os que se deixam seduzir por Deus. Como Jeremias, seus planos eram outros. Sua vontade teve de conformar-se ao que Deus queria dele. No seu *Pai Nosso* a vontade do Senhor deveria ser feita, mesmo que não coincidissem com a sua vontade humana. Às vezes é preciso que um morra para a vida material, para que muitos vivam para a eternidade. Uma voz lhe havia dito: "Se alguém quer vir após mim, renegue-se a si mesmo, tome cada dia sua cruz, e siga-me." (Lc 9,23)

(Frei Eduardo Quirino da Oliveira, O.P. é professor de Sagrada Escritura no Studium Theologicum de Curitiba, PR)

Já me decidi... Vou ser IRMÃ CANISIANA



Para me consagrar a Deus no "SERVIÇO À PALAVRA DE DEUS", que leva o homem a uma realidade mais humana e menos injusta.

Para tomar a defesa dos pobres, dos que necessitam ser evangelizados, vou trabalhar na evangelização: catequese, missões, paróquias, livrarias e colégios.

SERVIÇO SOCIAL:
creches, cursos semi-profissionalizantes e com famílias carentes

E você, também pensa como essa jovem?

Venha conosco porque ela já é uma das nossas.

**SECRETARIADO
VOCACIONAL**

Irmãs de São Pedro
Canísio

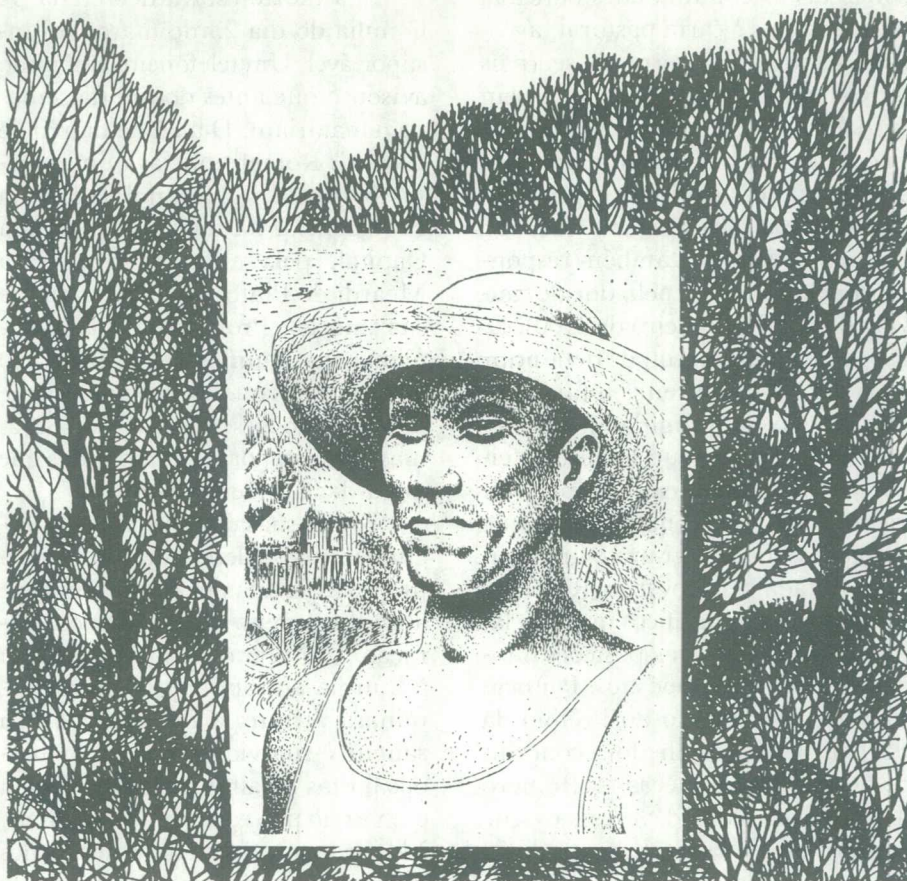
Cx. Postal 12

12.570 - Aparecida - SP

Nos últimos meses tem ocorrido uma chuva de informações sobre a questão da preservação da Amazônia e, com ela, mais uma ponta de medo e desesperança na vida dos brasileiros. Toda essa situação vem pintada num contexto de "momentos decisivos" para a Amazônia e nos faz pensar.

As opiniões a respeito são muitas. De um lado, agrupam-se os ecologistas com palavras de ordem: preservação e conservação. De outro, os que defendem a ocupação desse espaço como um direito e obrigação devidos ao desenvolvimento econômico. E o que pensar sobre o assunto? Acreditamos na internacionalização? Apoiamos os planos do governo?

Agradável ou não, o mundo está hoje voltado para o Brasil querendo saber se a floresta amazônica será salva ou destruída. É o futuro do Brasil e do mundo que entra em discussão.



QUESTÃO AMAZÔNICA

José Carlos Fernandes

A AMAZÔNIA

A Amazônia representa para o Brasil e para o mundo grande potencial econômico; daí a pressão dos grandes grupos interessados em sua exploração. Com uma área de 5 029 milhões de km², sendo 3,2 milhões de km² no Brasil, a Amazônia Legal (Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, parte da Amazonas, Acre, Pará, parte do Maranhão, Rondônia e os territórios do Amapá e Roraima) possui uma bacia de 6,5 milhões de km² (4,5 no Brasil).

É uma região de árvores gigantescas que abrigam uma infinidade

de espécies de animais e onde corre um terço da água doce do planeta. Já foi chamada de "pulmão do mundo", embora a tendência comparativa hoje está para "ar condicionado" do planeta. Para os cientistas, no entanto, a Amazônia é um mundo desconhecido, repleto de muitos segredos a serem desvendados e, por causa disso, temem sua destruição, como se pode constatar na declaração de Robert Dickinson, do Centro de Pesquisas Atmosféricas dos Estados Unidos: "Meu medo é que a ocupação da Amazônia aconteça tão rápido que a ciência não tenha meios para desvendar os segre-

dos da região e propor melhores alternativas para ela”.

Há um consenso entre os estudiosos de que se trata de uma floresta extremamente frágil, sendo uma mata em que não existe inverno (é a maior região de clima quente úmido do mundo) e onde se desenvolvem substâncias químicas nos troncos das árvores, exigindo por conseguinte, para a sobrevivência das espécies, uma forte associação entre plantas e animais para que possam evitar as doenças. Isso significa que, quando uma espécie animal ou vegetal é atingida, todas as outras espécies que se relacionam com ela também o são.

É preocupante também para os cientistas a estreita relação da floresta com o clima, pois sabe-se que 50% das chuvas da região dependem da existência da mata. Sem ela, o clima ficaria mais seco e a temperatura subiria na Amazônia e cairia no sul, aumentando as chuvas.

É importante lembrar que na Amazônia se encontram as maiores jazidas minerais do país, como petróleo, manganês, ouro, estanho, diamante, calcário, nióbio, potássio, gás natural e outros. Nas palavras de Amazonino Mendes, governador do Estado do Amazonas, “a Amazônia é o maior universo genético do planeta. Das duas mil espécies que se estima existir ali, apenas 500 são catalogadas”. (O Estado de São Paulo, 7/4/1989, p. 12.) Há 15 anos atrás não se tinha idéia do potencial econômico que representa a Amazônia.

A OCUPAÇÃO DA AMAZÔNIA — UM PROBLEMA MUNDIAL

A Amazônia é a última reserva florestal tropical do planeta e o lar de muitas populações indígenas, como os Yanomami (cerca de 8 mil). É esse mundo de flora, de fauna, de vida e de recursos minerais que vem motivando polêmicas e alimentando páginas de jornais em todo o mundo, especialmente a partir do assas-

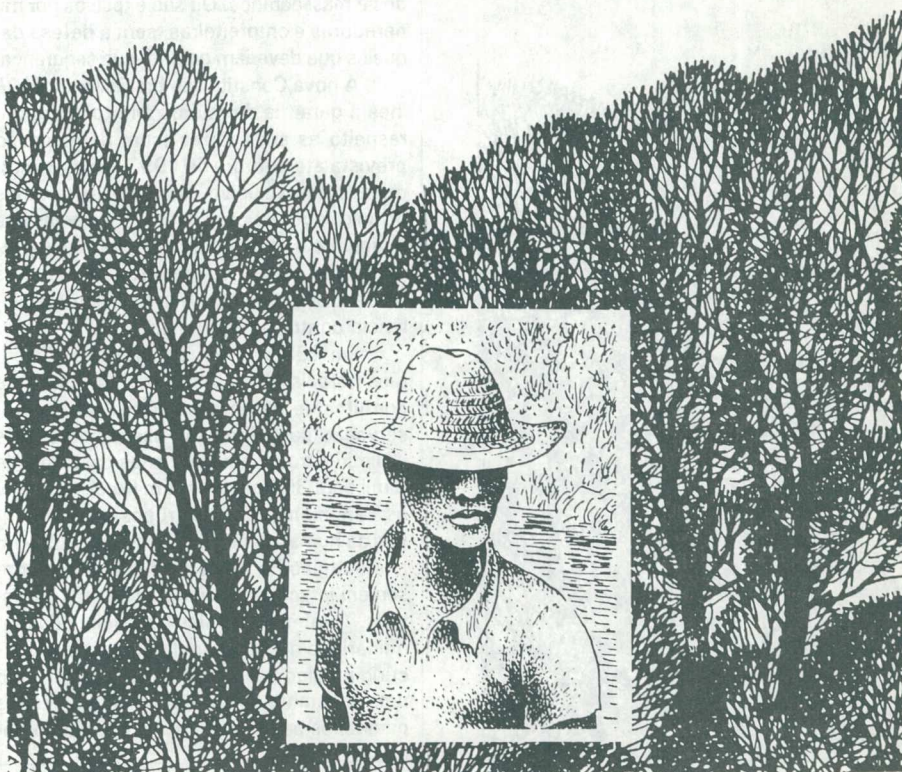
sinato do seringueiro e sindicalista Chico Mendes, morto com um tiro no peito em Xapuri, Acre, nas vésperas do Natal passado, e da observação das queimadas pelos satélites europeus e americanos, como o NOAA-9, que registrou 360 grandes queimadas no Brasil no início deste ano.

Calcula-se que uma área correspondente ao tamanho do Estado de São Paulo (5% a 7%) já tenha sido desmatada para ser ocupada pela agropecuária e para outras finalidades, como a construção dos lagos das hidrelétricas de Tucuruí e Balbina. Um relatório de pesquisa do Banco Mundial revela, no entanto, que a área devastada já atinge 12% da Amazônia, estando Rondônia e Mato Grosso liderando a devastação.

A hidrelétrica de Tucuruí, por exemplo, foi criada para atender às necessidades da indústria de alumínio e, portanto, é “progresso” às custas das minorias indígenas que perderam suas terras. Na sua construção, as águas dos rios Tocantins e Araguaia cobriram 246 mil hecta-

res de floresta e 20 milhões de metros cúbicos de madeira nobre, cujo apodrecimento liberou gás metano e óxido de enxofre, matando os peixes, que são a base alimentícia da região, e forçando a população a recorrer à caça para não morrer de fome, ou a deslocar-se para outras regiões, o que significa novos desmatamentos. Tudo isso para que 8 mil quilowatts gerados por hora sejam vendidos a um preço muito baixo. (O Estado de S. Paulo, 7/4/1989, p. 11.)

A usina hidrelétrica de Balbina, construída pela Eletronorte e concluída há cerca de seis meses, entrou em funcionamento cercada de sigilo. Situada no interior do Amazonas, a 177 km de Manaus, faz parte de um projeto monumental de construção de 7 usinas na Amazônia (Plano 2010, a cargo da Eletronorte) e é um espetacular fracasso, tanto do ponto de vista econômico como ecológico. Produz 32 vezes menos energia que Tucuruí (110 quilowatts-hora) por falta de água para movimentar as máquinas, já que por ex-



cesso de granito na região a água escoa pelas fendas da barragem. Por causa da decomposição das árvores submersas, o grande rio Uatumã transformou-se num grande depósito de peixes mortos. Conclusão: a usina não produz energia suficiente sequer para a cidade de Manaus e é considerada pelo Banco Mundial "o maior desastre ecológico da Amazônia em todos os tempos" (O Estado de S. Paulo, 7/4/1989, p. 14).

Por estes dados, podemos deduzir que por trás da questão da devastação amazônica esconde-se um conflito social. É grande o número de brasileiros que partem para lá em busca de melhores condições de vida, embora saibamos que os pequenos agricultores não são os responsáveis pela devastação. Não podemos ignorar que na raiz desse problema estão também as grandes fazendas de pastagens para gado, madeireiros, agricultores migrantes, hidrelétricas. São todos esses elementos que fazem com que dos 240 000 km² do Estado de Rondônia, por exemplo, 48 000 já tenham sido consumidos pelo fogo (Veja, 21/9/1988, p. 74). São essas quemadadas as responsáveis por um quin-

Índios - Histórias, Culturas



Diretamente ligada ao problema da exploração da Amazônia está a questão da violência contra os povos indígenas que vivem nessa região.

Se no ano de 1500 eles somavam entre 5 a 7 milhões, hoje os índios no Brasil estão reduzidos a 220 mil, carregando uma história marcada pela destruição de sua cultura e invasão de suas terras. Passados quase 500 anos, eles continuam sendo cassados e massacrados. Ou são expulsos por mineradoras e empreiteiras, sem a defesa daqueles que deveriam garantir sua segurança.

A nova Constituição brasileira conferiu-lhes a garantia de muitos direitos, como o respeito às suas terras (com demarcação prevista até outubro de 1993, no máximo), o usufruto exclusivo das riquezas naturais do solo, lagos e rios existentes nas áreas que ocupam e o respeito às suas formas de organização social. No entanto, o que temos presenciado até agora é uma insistente violência contra os indígenas.

Em 1988, foram assassinados 36 índios no país, em sua maioria por causa de conflitos de terras. As estatísticas de preservação das tribos são assustadoras: Os Waimiri-Atroari, em vinte anos passaram de 3 mil para 350 pessoas. Em Roraima temos os Yanomami, um dos grupos mais primitivos da humanidade ainda existentes. Vivem nesta região há cerca de 3 mil anos e conservam intactos sua cultura e hábitos ancestrais. Também para eles a presença da maquinaria, a devastação da floresta e o mercúrio poluindo as águas que usam tem sido uma constante ameaça. Apesar dos direitos garantidos pela Constituição, o território Ya-

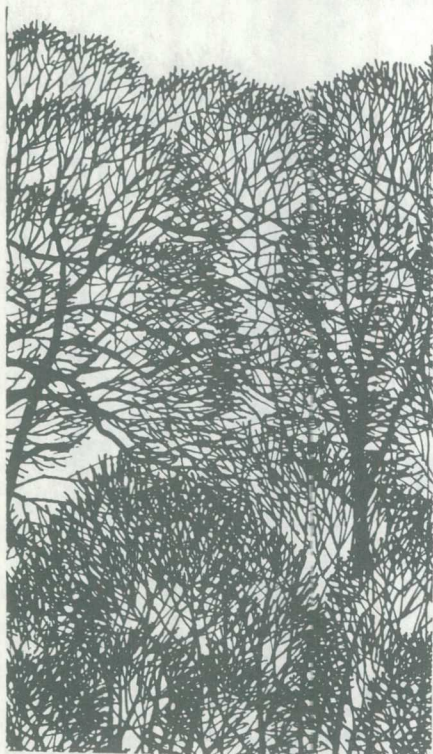
nomami foi reduzido em 30%, retalhado em 19 áreas descontínuas, o que facilita a eliminação física e cultural desse povo (Missões Consolata, abril de 1989, p. 3).

Somam-se a estes o assassinato de 14 Ticunas no Alto do Solimões (AM), em 28/3/1989. Nesse mesmo ano, 59 índios sofreram lesões corporais, sendo: 35 baleados, 19 espancados e 5 mulheres estupradas (cf. *ibidem*).

Sem dúvida, estes e outros fatos nos fazem questionar a ação da FUNAI (Fundação Nacional do Índio) e a política indigenista brasileira. Tem-se a forte impressão de que a política vigente a este respeito concebe o índio como um obstáculo para o "progresso" e realização dos objetivos nacionais. A política de extermínio, usada direta ou indiretamente, tem deixado cada vez mais distante a possibilidade de uma real demarcação das terras indígenas. Prova disto é o massacre dos Ticuna, cujo território se encontra na área do Projeto Calha Norte.

É lamentável que de um ministro de Estado, como o general Leônidas Pires Gonçalves, do Exército, saiam afirmações como "a cultura dos índios é baixíssima e não é respeitável", demonstrando ser carente de uma compreensão mais ampla do que venha a ser cultura e espírito democrático.

Índios como Davi Copenawa, pagé e líder de 10 mil Yanomami que vivem na fronteira entre Brasil e Venezuela, nos dão um testemunho do contrário. Recentemente ele afirmou: "Coragem para lutar e defender o meu povo, os rios, os animais e a floresta eu tenho" (Isto É/Senhor, 26/4/1989, p. 31). Diante disso, estamos frente a uma cul-



tura mais próxima da inteligência do que aquela que inventou bombas capazes de destruir o mundo sete vezes, o que é um sintoma de loucura.

A história dos Yanomami está se repetindo entre os índios Waiãpi. Estes falam tupi-guarani e habitam na fronteira entre o Brasil e a Guiana Francesa, em Amapari (no-este do Amapá). Somam um total de 10 aldeias e 760 pessoas. A rodovia Perimetral Norte abriu caminho para a invasão de garimpeiros nessa região, o que trouxe graves problemas de saúde para os Waiãpi e desequilíbrio ecológico na região. Estes índios desenvolvem atividades de subsistência tradicionais. Associam caça e pesca e coletam em expedições pela floresta, o que permite a regeneração dos produtos explorados. Ora, circunscrever a área ocupada pelas aldeias e imediações é o mesmo que privar os índios de recursos para alimentação e acesso a plantas medicinais, além de gerar uma desorganização da intensa rede de relações entre os grupos locais.

Toda a cultura do índio está relacionada à terra, à floresta. É aí que os pagés encontram as entidades sobrenaturais. Sem a floresta, não sobrevive a sociedade indígena.

Cada canto da mata é usado para contar às crianças as histórias dos ancestrais e fatos que marcaram a história do grupo. Os limites da área habitada pelos Waiãpi foram identificados em 1984 e a proposta foi aprovada em 1985. É necessário, porém, que essa determinação seja respeitada, pois o futuro dos Waiãpi depende da preservação da floresta.

Apesar de a Constituição brasileira, no que se refere ao indígena, não ter saído do papel para a prática, o panorama atual do índio traz inovações, reações firmes dos povos indígenas à situação de exploração e opressão em que se encontram. Exemplo disso foi o 1.º Encontro das Nações Indígenas do Xingu (ver AM de abril de 1989), ocorrido em Altamira, no Pará, de 20 a 24/2/1989, numa tentativa de sensibilizar o governo e a opinião pública diante das ameaças que vêm sofrendo os índios, principalmente através do projeto de construção de sete hidrelétricas no rio Xingu. O encontro teve repercussão internacional e representou certamente um dos mais marcantes desabafos do índio brasileiro, com um posicionamento político de grande repercussão em toda a sociedade.

A atuação do CIMI (Conselho Indigenista Missionário), órgão que busca defender a integridade do índio, tem sido marcante no assessoramento político e educacio-

nal das tribos. Deste trabalho já surgiram diversas formas de organizações entre as tribos, como a UNI (União das Nações Indígenas), que nasceu em 1980 durante o 1.º Seminário Sul-Matogrossense de Estudos Indígenas. Nas palavras de Marçal Tupã, líder guarani na ocasião da fundação: "A UNI acena caminho para esta nação esfacelada, espoliada". (Opinião, 22/4/1989, p. 3.) Hoje, cada vez mais a organização significa uma força na luta do indígena. O atual coordenador da UNI é o índio Airton Krenak.

Organizações como essa representam um grande avanço, visto que muitas nações viviam em guerra.

Já começa a fortalecer-se o CISA (Conselho Indígena Sul-Americano), que tem como objetivo reunir e articular tribos dos países da América do Sul.

Cada vez mais evidente é o compromisso da Igreja com a causa indígena. Na 27.ª Assembléia Geral da CNBB, realizada em Itaiaci (SP), de 5 a 14 de abril, dom Erwin Krautler apresentou aos bispos brasileiros o documento: "Compromisso da Igreja com os povos indígenas no contexto pós-constituinte: diálogo e solidariedade", buscando mostrar o avanço dos índios na conquista de seus direitos, os avanços da nova Constituição a esse respeito, a situação delicada dos Yanomami e Guajá, que sofreram uma redução inaceitável de suas terras e a morte violenta de muitos deles.

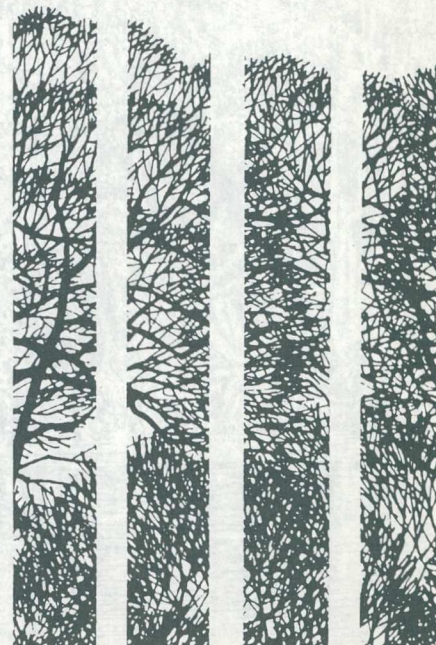
A conclusão do documento afirma que "Os povos indígenas necessitam para sua sobrevivência de uma outra sociedade", marcada pela solidariedade entre os homens nos sofrimentos e na luta.

Não podemos tapar nossos ouvidos e nosso coração ao clamor indígena. Atentos à realidade que vivem, somos chamados a abraçar a causa do índio e conscientizar os que nos rodeiam sobre a urgência de uma ação que os defenda e proteja seus direitos. A resistência indígena precisa do apoio de muitos; o protesto deles deve ser o nosso: "Aqui é nossa terra. Nós não desapareçeremos da área, nós não deixaremos nossa terra. Nós não matamos tudo, igual ao branco. Quando está para acabar, vamos para outro lugar. Construímos uma aldeia nova, bem longe. Nós não acabamos com toda a caça. Para lá onde os garimpeiros andam, o mato ficou limpo: quando vamos caçar por ali, não vemos nenhum passarinho voar — nem tucano, nem jacu, não tem nem inhambu, não tem nada. É assim que garimpeiro faz, acaba com tudo. Garimpeiro só pensa em cavar a terra. Nós, não" (Kumai, índio Waiãpi, líder da aldeia Arimã).

to do gás carbônico lançado na atmosfera, colaborando enormemente para o aparecimento do "efeito estufa", fenômeno pelo qual os gases poluentes lançados no ar impedem que saiam do planeta os raios solares que o aquecem, elevando desta forma a temperatura da terra. Esse efeito prejudica o clima e pode gerar conseqüências terríveis, como secas violentas ou estiagens.

QUE TAL INTERNACIONALIZAR A AMAZÔNIA?

É neste contexto que nos deparamos com a proposta de internacionalização da Amazônia, uma iniciativa dos países desenvolvidos para a defesa da região e que propõem, inclusive, uma transformação da dívida externa brasileira em recursos para a preservação da mata, o que é muito polêmico. Questiona-se se devemos pagar uma dívida que a Nação não contraiu. A esse respeito são muitas as opiniões. Nas palavras do ecologista José Lutzenberger, a internacionalização "é uma invenção daqueles que querem continuar saqueando a Amazônia. São estes que aumentam a nossa dívida exter-



na para entregar a qualquer preço os nossos recursos". (Opinião, 25/3/1989, p. 1.) Também a deputada federal Benedita da Silva manifestou-se a respeito, em nome dos ecologistas brasileiros: "Pode até existir interesse internacional para nos tomarem a Amazônia, mas nunca permitiremos. Queremos o apoio internacional para ocupá-la e promover o seu desenvolvimento em harmonia com a natureza, mas que tudo seja dirigido por brasileiros, para brasileiros". (FC, abril de 1989, p. 20.) Para dom Erwin Krautter, "a Amazônia já está internacionalizada, por isso é necessário devolvê-la ao Brasil" (O Estado de S. Paulo, 21/4/1989, p. 8). Percebemos que a Ecologia será um assunto dominante no final deste século. No entanto, não podemos ser ingênuos a ponto de achar que os interesses da França, Japão, Alemanha e Estados Unidos pela Amazônia sejam simplesmente fruto de amor à natureza. Os posicionamentos desses governantes certamente pesarão nas próximas eleições em seus países, onde a discussão ecológica ganha simpatia.

Nesta campanha internacional, porém, não são comentados os 6 bi-

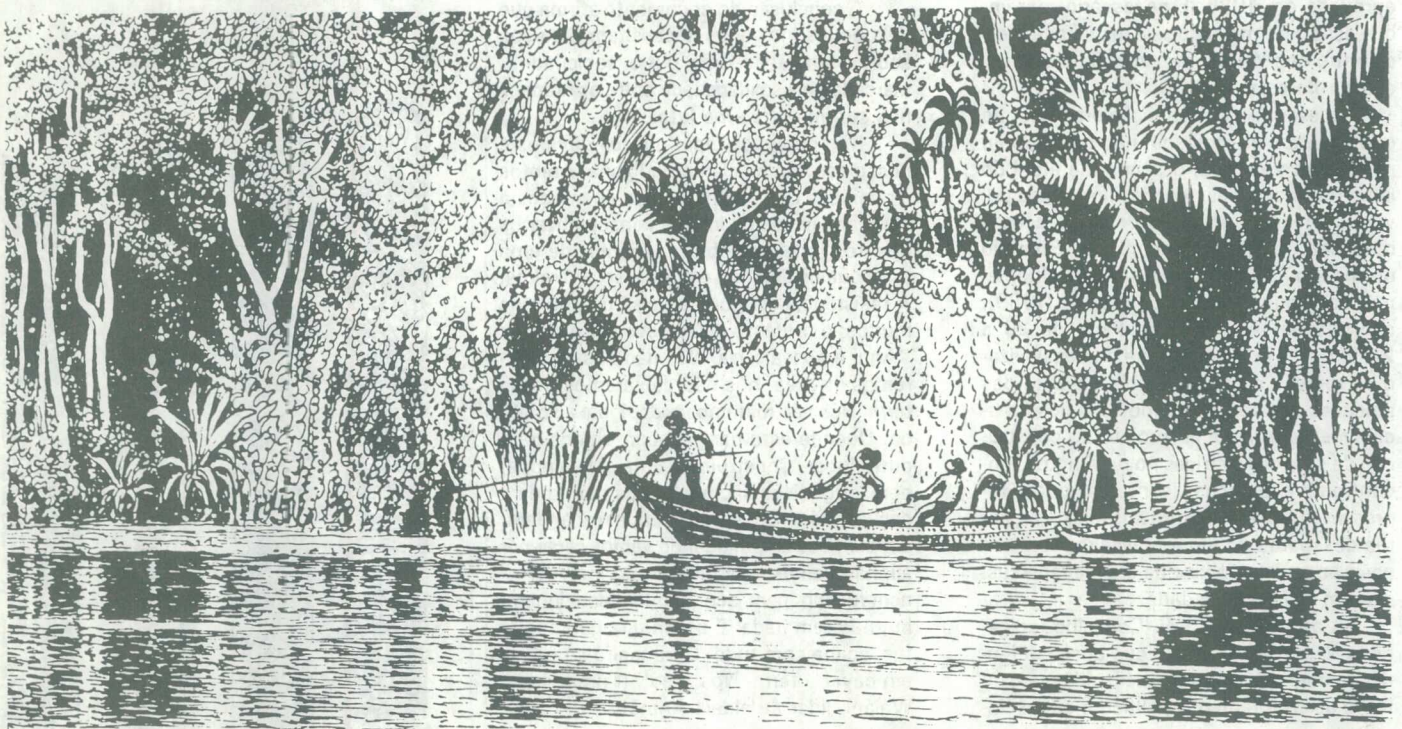
lhões de toneladas de dióxido de carbono, principal causador do "efeito estufa", que a comunidade industrializada do Primeiro Mundo joga todo ano na atmosfera, assim como os inúmeros arsenais atômicos presentes nesses países que ameaçam a vida do planeta. Persiste também a idéia de contar com a ajuda de especialistas estrangeiros na conservação da mata e a negociação da dívida na aplicação de recursos, o que, no entanto, para Bárbara Bamble, da Federação Nacional da Vida Selvagem, pode ser uma vida neocolonial de exploração dos recursos do Terceiro Mundo. (JDH, abril de 1989, p. 5.)

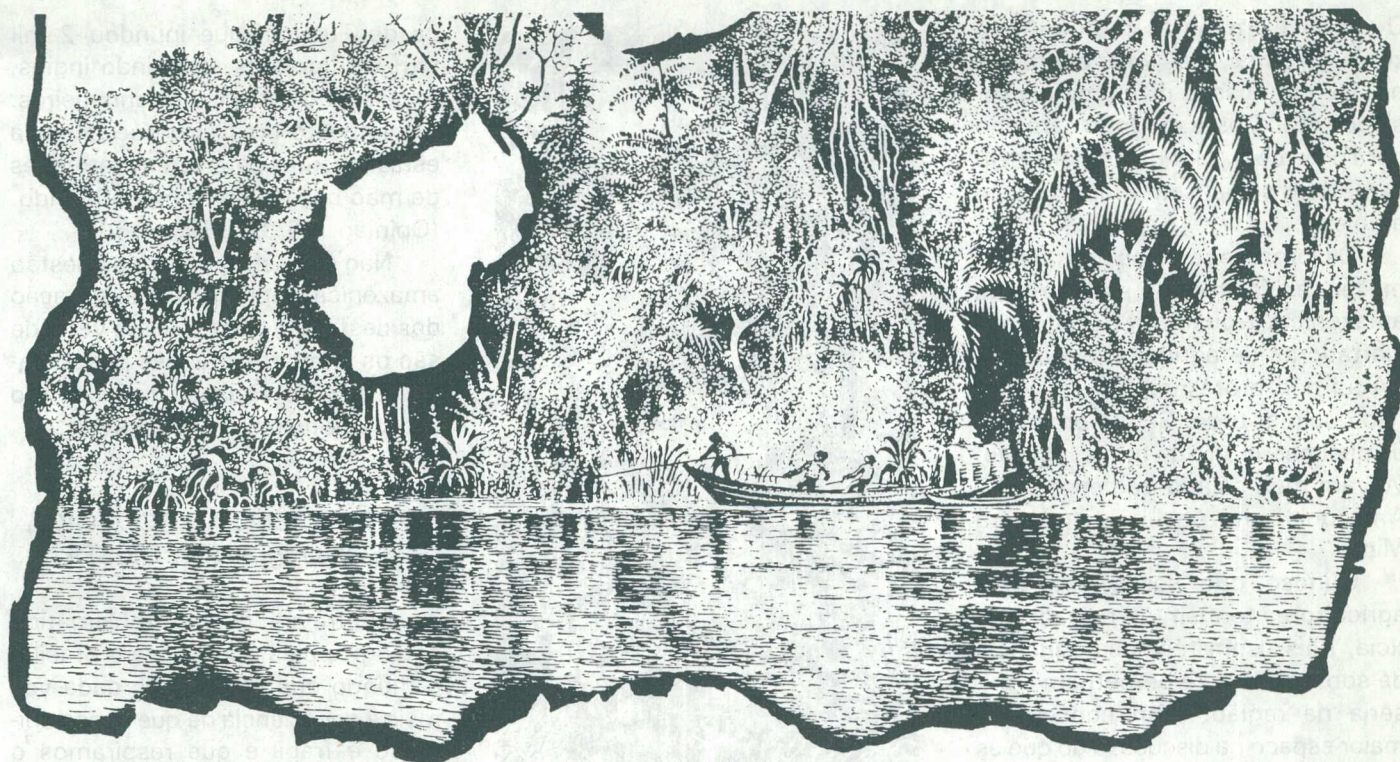
Sem tirar o mérito da questão e o possível bom interesse que possa haver, segundo o ecologista Célio Valle, professor da UFMG, há decisões que somente os brasileiros podem tomar. Precisamos usar a nossa inteligência para salvar a região. Como confiar cegamente em países que afluíram seu ambiente e ainda um continente inteiro como a África? Os Estados Unidos os grandes produtores de lixo atômico que resulta em milhões de toneladas de poluentes que ninguém sabe onde

encaminhar. Não será a rica Amazônia mais um terreno de exploração econômica internacional? Sem dúvida, nos países desenvolvidos, encontramos pessoas com a consciência de que o respeito ao meio ambiente é um valor universal, capaz de ultrapassar as fronteiras geográficas e o universo dos partidos políticos. Porém, a voz da Economia e do poder parece sempre falar mais alto. Neste sentido, há quem afirme que a internacionalização já existe, basta revelar o quanto da Amazônia já está nas mãos das multinacionais.

A RESPOSTA DO GOVERNO BRASILEIRO

Diante de toda a pressão internacional, a questão do meio ambiente foi transformada pelo governo em problema de Segurança Nacional através do Programa Nossa Natureza. Este parte do princípio de que a comunidade internacional não quer o nosso desenvolvimento econômico, a transição democrática e, por isso, reveste-se de preocupação com o meio ambiente, tentando desmoralizar o nosso governo. Por sua vez,





o governo admite a negociação da dívida por Ecologia, desde que se respeite a soberania do país. (O Estado de S. Paulo, 7/4/1989, p. 13.)

Citando cálculos do INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), o governo afirma que foram desmatados apenas 5% da Amazônia desde o Descobrimento do Brasil. O deputado Fábio Feldman contrapõe afirmando que esses dados são manipulados, pois são dados relativos apenas à floresta densa. (O Estado de S. Paulo, 7/4/1989, p. 13.)

Por trás da questão está a base da Geopolítica nacional, que tem como prioridade a energia hidrelétrica, barata e não poluente, visto que 3/4 do potencial hidrelétrico do Brasil situam-se na Amazônia.

O governo pensa diferente dos ecologistas. O uso da Amazônia, segundo o ministro do Interior, João Alves, que defende a política ambiental e indigenista do governo, tem um efeito insignificante diante das agressões à natureza feitas por parte dos países desenvolvidos.

O governo tem a determinação de construir sete hidrelétricas na bacia do Xingu (Complexo Hidrelétrico

Altamira), cobrindo cerca de 18 000 km² de florestas, que custarão para a Nação 10,6 bilhões de dólares, conforme o documento "Estudos de Inventário Hidrelétrico da Bacia Hidrográfica do Xingu". Para quê essa produção toda (17 600 megawatts) de energia? É difícil negar o valor das hidrelétricas, principalmente no momento em que presenciamos o uso cada vez menor da energia nuclear, mas é inaceitável que, em vez de bem-estar, gerem mais miséria, como Balbina.

Por essas e outras razões o governo brasileiro goza de pouca credibilidade dentro e fora do país, e nos assustam declarações como a do general Bayma Denis, da Secretaria Especial de Defesa Nacional: "A Amazônia é um espaço nacional e será ocupado quando a Nação necessitar dele" (O Estado de São Paulo, 6/4/1989, p. 70). É lamentável, em toda essa discussão, que se oculte como causa da devastação o benefício de uns poucos, como os projetos agropecuários que rodeiam Carajás.

O simples fato de afirmarmos que a Amazônia é nossa, parte de nossa nação, não dá ao governo bra-

sileiro o direito de fazer com ela o que quiser. Trata-se de um problema internacional nas mãos da administração nacional, responsável por preservar aquela região e explorá-la racionalmente, usando, se necessário, o benefício tecnológico de outros países em defesa da causa. Falar em soberania nacional pode ser também um meio de ocultar os falsos interesses nacionais pela Amazônia, que é uma questão tão mundial quanto o desarmamento nuclear. No Brasil, o progresso quase sempre converge para os interesses das multinacionais e é preocupante que esse progresso tenha agora sua base na manipulação da natureza.

OS GRANDES PREJUDICADOS

As preocupações ecológicas mudam de figura no Primeiro e no Terceiro Mundo. Em lugares onde a inflação é baixa, a proteção da natureza é uma atividade popular e a poluição é considerada um dos problemas mais sérios. No Terceiro Mundo a questão aparece de outra maneira: busca-se o progresso como meio urgente para a sobrevivência.

Quem vive em matas como a Amazônia, vive mal. Mas viver assim tornou-se em nossos dias uma necessidade real. Deste modo, o caminho para o Terceiro Mundo começa pelo bem-estar social sem afetar o meio ambiente.

Os jornais e revistas nos últimos meses, ao falarem da problemática amazônica, trouxeram declarações alertadoras de agricultores pobres: "Aqui não brota nada, se a gente não queimar tudo! Se me proibirem de queimar, morro de fome..."; "Devolvam meu salário que eu deixo a Amazônia em paz e volto para Minas".

Curioso que esses pequenos agricultores tenham-se tornado notícia, pois usam técnicas agrícolas de sobrevivência e perpetuam a miséria na região. Têm conseguido maior espaço na discussão do que as hidrelétricas e os incentivos à pecuária na região. Qual dos dois mais contribui para a devastação? Para José Lutzenberger "foi a hidrelétrica



ca de Tucucuí que inundou 2 mil km² de florestas, atingindo índios, expulsando caboclos e seringueiros. É o imposto brasileiro que financia estas loucuras para serem entregues de mão beijada ao Primeiro Mundo. (Opinião, 25/3/1989, p. 6.)

Não é possível tratar da questão amazônica ignorando a real situação dos desfavorecidos, que na verdade são os primeiros grandes prejudicados em uma situação na qual não são os principais responsáveis.

A CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA COMO PRÁTICA CRISTÃ

É através desta problemática ecológica pela qual passa o Brasil e o mundo que adquirimos cada vez mais a consciência de que nosso universo é frágil e que respiramos o mesmo ar. O ar, porém, está poluído e a ameaça é comum. A possibilidade de um "caos ecológico" parece estar mais próxima.

Seringueiros: luta e cultura na mata amazônica

Os seringueiros existentes hoje na Amazônia descendem dos nordestinos que, no final do século passado, subiram os rios Madeira, Purus e Juruá com a intenção de extrair a borracha da selva. Mais tarde, apesar da falência do mercado internacional da borracha, os seringueiros permaneceram na mata, constituindo aos poucos uma cultura própria, de influência indígena com quem até hoje convivem em harmonia. Atualmente existem na Amazônia pelo menos 70 mil seringueiros.

Vivendo em clareiras, ranchos com 3 ou 4 casas, os seringueiros e suas famílias coletam, caçam, pescam e cultivam seus roçados. Mudam com frequência de lugar para regenerar os recursos da mata e, por isso, não querem lotes individuais de terra. Entre eles a caça é regulada por tabus e proibições que não ousam transgredir para não perder "a sorte" e, oportunamente, abandonam as florestas sem deixar cicatrizes permanentes.

É característico entre eles o cuidado na extração do látex, para que as árvores per-

maneçam sempre produtivas. Trabalham cerca de 12 horas diárias em quatro dias da semana, reduzindo a jornada de trabalho apenas durante o inverno.

O produto do trabalho do seringueiro fica, porém, nas mãos dos "patrões". Estes são fazendeiros que se apossam dos seringais e que fornecem mercadorias para as famílias, manipulando a contabilidade, frequentemente, para que os gastos de manutenção superem os lucros. Sendo "devedor", o seringueiro não pode retirar-se do seringal. Torna-se escravo de sua dívida e é ameaçado se tentar vender a borrocha a terceiros.

Diante de violências desse tipo e da exploração da mata por parte das madeireiras, os seringueiros, através de sindicatos, organizam-se para criar uma reserva extrativista no rio Tejo e, em Juruá, a implantação da 1.ª Reserva Extrativista do Vale do Juruá (região que interliga as terras indígenas dos Kampa e Kaxinawá, num espaço contínuo de 4500 km²). Eles necessitam da preservação desse espaço para que possam vender livremente seus produtos e desenvolver novas

técnicas de preservação da floresta.

Estas e outras iniciativas são resultado do trabalho do Conselho Nacional dos Seringueiros, fundado em 11/10/1985, com o objetivo de lutar contra a devastação da Amazônia e pelos direitos dos índios, castanheiros, babaçueiros, seringueiros e ribeirinhos que nela habitam.

O seringueiro Chico Mendes, sindicalista em Xapuri (Acre) desde 1977, era o líder desse conselho. Hoje, após sua morte, ocorrida na véspera do Natal passado, tomamos maior conhecimento de sua luta e somos chamados a nos unir na causa da preservação da Amazônia e das culturas que nela existem.

"Se não houvesse nossa luta, daqui há alguns anos tudo se transformaria numa grande fazenda e nós, nos peões", palavras do sindicalista Osmarino Amâncio, seringueiro e companheiro de Chico Mendes, vítima de quatro tentativas de homicídio, sendo a última em Basiléia (Acre), no dia 5/4/1989. (JDH, abril de 1989, p. 9. AGEN, 13/4/1989, p. 1.)

Notícias como as referentes ao "efeito estufa", capaz de aumentar oceanos, colocando em perigo cidades como Miami, Rio de Janeiro ou mesmo um país todo como a Holanda, nos apavoram. Ao mesmo tempo em que uma camada da sociedade discute essas questões, há colonos na Amazônia que afirmam a necessidade da queima da mata para a sobrevivência. Existe maior imprevisto do que este?

Todos querem viver, mas vivem juntas diferentes faces do problema. Nos dois casos o essencial é a consciência de que, estando em jogo o meio ambiente, está também o destino da vida humana.

Sabemos que a harmonia entre os homens e a natureza é fundamental no projeto divino. Como não lembrar Adão e Eva, no relato da criação? Porém, não são o equilíbrio e a beleza os bens que nossa humanidade mais persegue? À perfeita relação entre os seres opôs-se a dor; ao trabalho de cooperação surge o

trabalho como castigo; ao prazer, a vergonha de estar nu e a dominação do homem sobre a mulher.

Esta é a história que hoje apresentamos. O poder, a dominação, a posse da "verdade" são as causas da perda da unidade. Temos, porém, a esperança de reconstruir o paraíso terrestre, onde a vida seja o valor maior, onde o homem se encontre consigo, com o outro, com a natureza e outros "reinos" talvez estejam sendo instaurados. Aos cristãos, no entanto, a realidade aparece como sinal: somos chamados a trabalhar com fé para que vença a vida em todas as causas que afetam os homens, nossos irmãos.

Entre os grandes desafios de nosso tempo figura a questão ecológica. Precisamos observar como os candidatos à Presidência da República tratarão a questão do meio ambiente. Temos o dever de defender a obra do Criador, hábitat dos povos e espaço vital da humanidade, com clareza e conhecimento. •

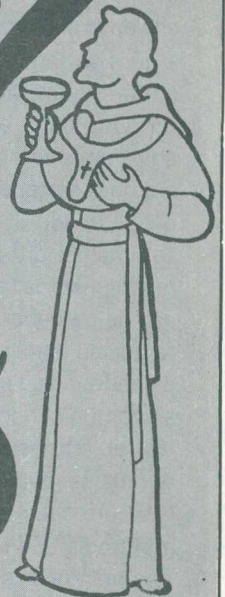


JOVEM:



Você se empolga com o pedido de Jesus: "Pai, que todos sejam um, como Tu estás em mim e eu em ti"?

E com a proposta de São Norberto (fundador da Ordem Premonstratense): "Minha opção é levar uma vida puramente evangélica, inspirada no modo de viver dos Apóstolos"?



Então, dê sua vida a Deus e a seu povo, COMO OS APÓSTOLOS!

Venha buscar conosco este ideal, vivendo a comunhão na comunidade e na Igreja!
Nós, padres e irmãos Premonstratenses, procuramos alcançar esta meta através de uma vida de oração e apostolado.

Maiores informações você pode obter escrevendo para:

CENTRO VOCACIONAL SÃO NORBERTO
Caixa Postal 121 - CEP 17200 - Jaú (SP)
Fone: (0146) 22-2721

ou

SEMINÁRIO PREMONSTRATENSE
Rua Nossa Senhora de Fátima, 24
06550 - Pirapora do Bom Jesus (SP)
Fone: (011) 423-4291.

V O C Ê S A B E O U V I R ?

Colaboração: Danilo Vieiro/Paula Souza

“É claro”, dirá você. “Ouço muito bem, graças a Deus.” “Nunca tive problemas.” “Nunca sofri do ouvido.” “Em casa, ouço a choradeira da criança, minha mulher gritando para o caçula largar o rabo do gato e o rádio soluçando a hora sertaneja.” “Sim, senhor, ouço e muito bem, obrigado.”

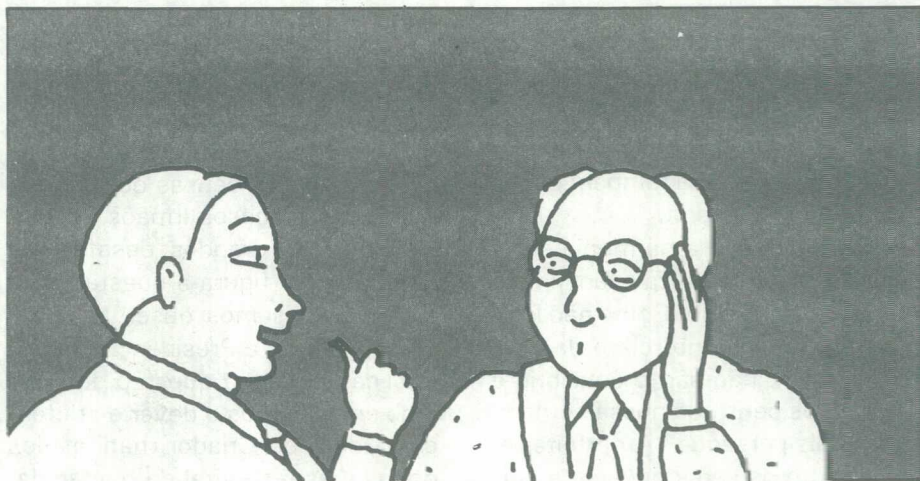
Que bom, amigo, você ainda sabe ouvir um choro de criança, sua mulher e a hora sertaneja. Mas você entendeu o significado da choradeira da criança, sua mulher gritando e o acordeão chorando uma toada sertaneja? Você foi capaz de perceber que por detrás do choro do seu filho há uma criança se comunicando, à sua maneira, é verdade, mas se comunicando? Percebeu que por detrás do nervosismo de sua mulher existe uma pessoa com seu mundo particular, com seus anseios e preocupações maternas? E a hora sertaneja, o que lhe trouxe? Você consegue interpretar o que o Tonico e o Tinoco querem lhe dizer no seu rádio de pilha?

Todos gostamos de pensar que somos bons ouvintes, mas quantas vezes não passamos de oradores ou “ouvindo” ao invés de sermos ouvintes?

Ouvimos mas não entendemos. Significa, não somos bons comunicadores. Sim, como é que a gente pode se comunicar sem ouvir?

Foi constatado que um indivíduo pronuncia de 120 a 180 palavras por minuto mas que pensa de 4 a 5 vezes mais rápido. É aí que surge o problema. Nossa atenção se desvia facilmente e apenas captamos cerca de metade do que ouvimos. E isso quando estamos bem.

A coisa fica pior quando você encontra pela frente um indivíduo com cara de sexta-feira, mal humorado, que não nos olha nos olhos quando fala ou que parece com aquele general mexicano



que perdeu o cavalo e que não tem tempo de perder tempo conosco. Aí o negócio engrossa e você não escuta, não ouve e interpreta tudo pelo avesso. O dito fica pelo não-dito e o não-dito fica pelo dito. É a distorção na comunicação. E isso também acontece no trabalho. Porque você apenas foi ouvidor e não ouvinte surgem as famosas “estou de ma contigo”, incompreensões e outros quetais que, direta ou indiretamente, vão interferindo no desenvolvimento de seus serviços e mesmo desmotivando-o. Em casa é a mulher, são as crianças que pagam o pato que não têm nada a ver com a história. E tudo porque você não soube ouvir ou entender o que estava sendo dito e não soube perceber o que se passava à sua volta.

Ouvir é, pois, entender não só as pessoas, mas prestar atenção ao mundo à sua volta.

O que a gente poderia fazer para melhorar a capacidade de ouvir? Apresentamos algumas sugestões, que aliás não são nossas mas fruto da experiência de profissionais acostumados a lidar com pessoas de todas as idades que exercem diferentes tipos de trabalho.

OUÇA COM TUDO SEU SER

Não há coisa pior do que dizer à pessoa que está à sua frente: “olha, não repare que eu tenho que acabar o relatório, mas vai falando que eu estou ouvindo”. Ou quando você tem algo importante a expor e seu “ouvinte” vai arrumando a papelada, deslocando o cirzeiro e soprando a poeira imaginária de sobre a mesa ou ainda fica limpando os óculos cujas lentes receberam o calor do seu hálito...

Também é negativo você tamborilar os dedos sobre a mesa ou balançar os pés frente às pessoas. Isso pode ser feito quando você ouve música mas não quando você ouve pessoas. Não há nada que prejudique mais sua imagem caso estas pessoas sejam sua mulher, patrão, amigo ou cliente.

Portanto, tente evitar as distrações. Esqueça aquela mosca zumbindo no vidro da janela. Esqueça a revista ou a garota que passou gingando com a bandeja de café. Demonstre que está ouvindo através de um olhar, com um aceno encorajador com a cabeça, um gesto de mão. A sua postura, seu modo descon-

traído e atento poderão demonstrar interesse tão claramente como quaisquer palavras.

NÃO MONOPOLIZE A PALAVRA

A maioria das pessoas é levada a acreditar que fazer sucesso socialmente depende da capacidade de impor sua conversa. Mas não é nada disso. Um bom ouvinte é tão bem-vindo a uma festa quanto a chuva em tempo de seca. Todos precisamos de ouvintes. E porque alguém nos ouve com atenção sentimos como se fôssemos a pessoa mais interessante do mundo. Um bom ouvinte tem um encanto poderoso: a capacidade, a magia de fazer as outras pessoas se sentirem importantes.

AJUDE AS PESSOAS A CONVERSAR

Demonstre que você está ouvindo as pessoas. Ajude-as "a contar coisas". Um "realmente" ou um "então" demonstra seu interesse pela conversa. Falar com alguém que não reage é o mesmo que gritar em um telefone desligado: Você se sente ridículo e desiste. Se seu amigo lhe conta que teve uma discussão violenta com seu vizinho a ponto de isso interferir no seu trabalho e saúde você não vai lhe responder que o "churrasco esteve delicioso" ou "que o pintado na brasa é um excelente prato". Se você fizer isso estará dizendo que o melhor que ele deve fazer é guardar seus problemas para si mesmo. E se ao invés disso você respondesse positivamente? "Não me admira que isso o esteja prejudicando", seria uma fórmula. "Você se aborreceu com isso, não é"? Ora, tendo uma oportunidade de libertar sentimentos reprimidos, seu amigo irá se sentir muito melhor. Penso que poucos entre nós são auto-suficientes que não necessitemos, às vezes, de um amigo que saiba ouvir. Ouvir não é nada fácil, pois ouvir de verdade significa se expor ao medo, ao desespero, à raiva de outra pessoa e, talvez, a estes mesmos sentimentos que levamos no íntimo de nós mesmos.

SAIBA OUVIR E NÃO JULGAR

Estamos sempre prontos a fixar critérios do que é certo ou errado e a julgar as pessoas. E porque julgamos ao invés de ouvir, cortamos todas as linhas de comunicação.

É importante mostrar às pessoas de que gostamos delas que, embora se possa não estar aprovando seu comportamento as aprovamos enquanto pessoas. Ouvir faz isto. É o caso do adolescente que chega em casa às 4:00 horas da madrugada. Você pode imaginar, não é nada fácil para os pais preocupados se lembrarem da importância de ouvir. Sua primeira reação seria a de gritar, esbravejar: "Não me interessa, não queremos saber o que aconteceu; são horas de um pirralho desses chegar em casa?" Esse tipo de reação não só acaba com a comunicação, mas com a consideração do adolescente por si próprio. Nada custaria dar a conhecer ao adolescente como seu comportamento teria influenciado na vida dos pais: "Ficamos preocupados; já eram 4:00 horas quando você chegou, e há tantos assaltos por aí!". "Por que você não nos telefonou"? O adolescente teria oportunidade de se explicar e expor seu ponto de vista. Todos ansiamos por ser ouvidos. Há muita carência de ouvintes. Na maioria das vezes a comunicação é bloqueada porque não há ouvintes — há oradores.

Ouvir é um ato de carinho. É participar das experiências do próximo, dos problemas de sua mulher, do mundo dos seus filhos, da angústia do seu companheiro de trabalho. Ouvir é fugir do isolamento de nossas personalidades ilhadas e tocar a terra firme das reações e relações humanas. Ouvir é criar pontes, é derrubar muros. Estes separam. Aqueles unem.

Ouvir, além de ser regra de boa educação, denota inteligência: "Inteligente é aquele que sabe escutar, que sabe entender os outros e o significado das coisas".

Aprenda a ouvir as pessoas, aprenda a entender as pessoas, a ser gente ouvindo as pessoas e você perceberá que a comunicação nada mais é do que captar o EU das pessoas, expressão de seu mundo interno.

Ser Missionário. Por quê?



(João Paulo II responde:)

Porque Jesus Cristo quer ter necessidade dos homens,

- de suas pessoas
- de suas inteligências
- de suas energias
- de sua fé
- de seu amor
- de sua santidade.

Porque Ele quer falar aos homens com a nossa voz humana.

Porque Ele quer consagrar a Eucaristia por meio dos homens.

Porque Ele quer perdoar os pecados por meio dos homens.

Porque Ele quer amar com o coração dos homens.

Porque Ele quer ajudar com as mãos dos homens.

Porque Ele quer salvar com os esforços dos homens.

Pense nisto.

Você verá que vale a pena fazer da vida alguma coisa de bom; fazer dela um extraordinário serviço.

É Cristo quem chama!

- Seminário Santo Antônio Maria Claret
Tel. (0512) 73-1566 - Cx. Postal, 23
CEP 93250 ESTEIO, RS
- Seminário Claret - Tel. (0195) 24-2048
Cx. Postal, 136 - CEP 13500
RIO CLARO, SP
- Seminário Santo Antônio Maria Claret
Tel. (035) 421-1108 - Cx. Postal, 115
CEP 37550 POUSO ALEGRE, MG

QUANDO A PRIMAVERA?

Caminhava pela rua em direção ao meu lugar de trabalho. Andando em minha direção, tomando conta de toda a largura do passeio, quatro homens maltrapilhos. Assobrou-me o medo. Apressei o passo. Ao adentrar o edifício um deles quis me deter; falou qualquer coisa que não entendi, tal o meu pânico. Ao entrar no meu consultório, lugar agradável e protegido, senti uma sensação de alívio, seguida logo por um sentimento de vergonha. Na imagem do pobre não estaria Cristo? E eu o reneguei, como o renego quando fecho apressadamente os vidros do carro às crianças subnutridas que oferecem mercadorias nos semáforos...

Outro dia peguei um táxi e o motorista, um senhor de idade contava-me que estava estarecido com o que lhe havia acontecido no dia anterior. Tinha deixado um passageiro na Lapa; eram oito horas da noite e estava voltando. A rua estava deserta. Vi duas pessoas perseguindo outra. Aparentemente um assalto. O perseguidor atirou, o perseguido caiu. Tombou, possivelmente morto... Mas o indivíduo colocou a arma em sua cabeça e acionou novamente o gatilho!

Estávamos na Rebouças e o sinal fechou. Vi o motorista empaldecido e olhar para mim com olhos e boca abertos. Voltei-me para seu lado e vi quatro rapazes, dois de cada lado do carro vizinho, assaltando seus ocupantes, pegando bolsas e relógios. A sensação foi a de levar um soco no estômago. Quando o farol abriu e o carro andou nem nos falamos mais. Estávamos estupefatos.

Início de junho. Jornais e TV mostrando os estudantes chineses lutando pacificamente pela democracia. De repente, tanques esmagando jovens. Soldados meltralhando impiedosamente pessoas inocentes. Rosas de sangue espalhadas na Praça da Paz Celestial...

Meu Deus, que mundo é este? Por que as pessoas estão deixando de ser gente?

A violência é tão grande que andamos neurotizados. Se nos protegemos,



nos culpamos. Se não o fazemos, somos agredidos. E as agressões muitas vezes são indiretas. Nem desvencilharmo-nos delas podemos... É nosso dinheiro que é malbaratado pelos homens públicos. É a corrupção que corrói o poder.

E as injustiças sociais são gritantes. Nas férias não existiam passagens para lugar nenhum, inclusive para o exterior. Todos os hotéis estavam lotados. E nas ruas, pessoas morrendo de frio. Dormindo debaixo das pontes e nos túneis, passando fome e sem o mínimo necessário para um ser humano.

As críticas que são feitas são pouco funcionais. A consciência social está entorpecida. Criticamos o governo mas não fazemos nada em nossa área de trabalho. Quando se ascende ao poder esquece-se do compromisso assumido com o povo.

Setembro. Primavera. Quando a primavera? Quando irá germinar a semente do amor cristão, da caridade, da justiça? Quando suas flores enfeitarão a men-

te de cada pessoa em particular e, principalmente, daqueles que detêm o poder?

Papini, em seu livro "Testemunhas da Paixão" reescreve a parábola da multiplicação dos pães. Segundo ele, todos os que estavam seguindo a Cristo tinham levado um pequeno farnel. Não o utilizavam porém, com medo de ter de dividir com o seu vizinho. Cristo conseguiu tocar cada um desses corações empedernidos. E todos quiseram partilhar aquilo que era seu. Para surpresa, não só todos se saciaram como sobrou alimento.

Seria maravilhoso se este milagre novamente acontecesse. O milagre da abertura para o outro. Do não egocentrismo. Se todos repartissem o que é seu, como o faziam os primeiros cristãos!...

Não seria apenas o repartir dos bens. Muito mais o se repartir. O se doar.

Veríamos então o brotar da vida. A primavera se realizaria e sua beleza inundaria o mundo.

Myrian Vallias de Oliveira Lima

ALMOÇO MAIS SOFISTICADO

ENTRADA: Coquetel de camarão

Rendimento: 4 a 5 porções

Ingredientes:

3 xícaras (chá) de maionese

1 xícara (chá) de creme de leite

1/2 xícara (chá) de catchup

1 colher (sobremesa) de molho inglês

1 colher (sopa) de gim, camarões cozidos

inteiros, camarões cozidos picadinhos, salsa

1. Misture tudo, menos os camarões inteiros.
2. Coloque em taças próprias sobre o gelo moído e enfeite ao redor com camarões inteiros e galhinhos de salsa.

PRATO PRINCIPAL: Filé no molho de pimenta

Rendimento: 4 porções

Ingredientes:

4 bifes grossos (contrafilé, filé mignon ou alcatra)

2 colheres (sopa) de pimenta-do-reino triturada grossa

2 colheres (sopa) de manteiga, sal

1 xícara (café) de conhaque

2 colheres (sopa) de purê de tomate

3 colheres (sopa) de creme de leite

1. Passe os bifes, um a um, na pimenta triturada, fazendo pressão para que ela fique bem aderida à carne.
2. Aqueça 1 colher (sopa) de manteiga numa frigideira grande e frite 1 bife dos dois lados, no ponto desejado.
3. Repita a operação com o restante da manteiga e dos bifes.
4. Recoloque os bifes fritos na frigideira, tempere-os dos dois lados com sal e despeje sobre eles o conhaque.
5. Deixe aquecer, inclinando ligeiramente a frigideira para flambar o conhaque. Quando a chama se apagar, coloque os bifes no prato de servir.
6. Despeje o purê de tomate na frigideira em que fritou os bifes.
7. Junte 1 ou 2 colheres (sopa) de água fervente, mexa bem e deixe voltar a ferver.
8. Adicione o creme de leite, dê mais uma mexida e retire do fogo sem deixar ferver novamente.
9. Despeje o molho sobre os bifes e sirva a seguir.

ACOMPANHAMENTO: Farofa

Rendimento: 6 porções

Ingredientes:

miúdos de 1 frango, água, sal

3 colheres (sopa) de óleo

1/2 cebola picadinha, 4 tomates

5 colheres (sopa) de farinha de mandioca (mais ou menos)

2 ovos cozidos, azeitonas

1. Limpe, lave bem e pique os miúdos de frango antes de cozinhá-los em água e sal.
2. Faça um refogado com a cebola, picada, o óleo e os tomates.
3. Acrescente os miúdos, a farinha de mandioca e deixe cozinhar mais um pouco.
4. Junte os ovos, também picados, e as azeitonas.
5. A farofa deve ser úmida.

SOBREMESA: Pudim de laranja

Rendimento: 6 porções

Ingredientes:

1 copo de suco de laranja

1 copo de água

2 colheres (sopa) bem cheias de maisena

3 colheres (sopa) bem cheias de açúcar

calda de ameixas pretas (se quiser)

1. Dissolva a maisena.
2. Junte os demais ingredientes e misture bem.
3. Leve ao fogo, mexendo sempre, até engrossar.
4. Despeje em uma forma previamente umedecida.
5. Deixe gelar e sirva simples ou com calda de ameixas pretas.

Dogmas e Sacramentos

Pe. Eugênio Pessato, cmf

A CATEQUESE MEDIEVAL - II

Neste artigo, conheceremos um pouco do conteúdo da catequese do século IX ao XI. Conheceremos apenas duas obras destinadas à formação dos seminaristas e monges, que na época e ainda hoje, embora muitos se esqueçam, são os futuros catequistas.

A primeira obra é a *Disputatio puerorum per interrogationes et responsiones* (Explicação aos seminaristas por meio de perguntas e respostas).

Esse trabalho começa com a criação, depois fala da natureza do homem feito à imagem e semelhança de Deus e passa a explicar os espíritos, falando dos nomes bíblicos e filosóficos de Deus.

Trata em seguida das seis idades do mundo e faz um breve resumo dos livros do Antigo Testamento, e várias vezes aborda a organização da Igreja e da missa como sacrifício e rito. Termina com um brevíssimo comentário ao Credo e ao Pai-Nosso.

São conservados muitos temas da catequese patrística, mas dá para se perceber muita desorganização e confusão na colocação desses temas.

A outra obra são os *Lucidários*, ou *Declaratórios*, que são sínteses teológicas certamente destinadas também aos futuros padres.

O conteúdo aí exposto segue mais ou menos a ordem do Credo. Começa falando de Deus, criação, encarnação, vida de Jesus, particularmente a ressurreição. Apresenta também os temas da Igreja corpo de Cristo e a Eucaristia.

Essa obra trata ainda do mal, do pecado e das culpas mais graves da época, como a do comércio com os sacramentos e a vida imoral dos padres e bispos.



A terceira parte aborda temas muito discutidos ainda hoje: purgatório, inferno, juízo final e céu.

Tais documentos catequéticos mostram a evolução que começa a acontecer na vida da Igreja e da catequese: há uma nova orientação e uma nova apresentação do conteúdo da catequese, bem diferente da época dos santos padres.

A catequese naquele tempo, como já tratamos em artigos anteriores, era cristocêntrica, ou seja, tinha Jesus como caminho para chegarmos ao Pai e ao Espírito Santo. Tudo era explicado a partir da Trindade — três pessoas divinas e uma só natureza.

Para os santos padres, no início da Igreja, a figura de Jesus Cristo era, antes de tudo, a figura do ressuscitado. A partir do século IX, porém, a catequese se interessou pelos fatos históricos da vida de Jesus, especialmente de seus primeiros anos e da paixão.

Assim os *Lucidários* desenvolvem a vida de Jesus: 19 perguntas sobre a encarnação e a vida oculta, passando depois a tratar rapidamente da beleza de Jesus.

Mas como Jesus é o servo de Javé e nele não há beleza, a profecia de Isaías conduz o autor a explicar a paixão em 21 perguntas, entre as quais 11 sobre a ressurreição.

Quanto à maneira de apresentar a Igreja, nota-se também uma nova orientação: a Igreja como mãe ou corpo de Cristo, perde a sua importância

diante da Igreja como instituição jurídica.

No que diz respeito à vida sacramental, a *Disputatio* não insiste na recepção da Eucaristia, por isso é que ainda hoje vale o mandamento da Igreja que pede a comunhão pelo menos uma vez por ano, por ocasião da Páscoa, porque acredita-se que durante a Idade Média eram poucos os que comungavam.

A catequese dos santos padres que nós já estudamos, valorizou mais a pessoa pecadora do que o pecado, enquanto na Idade Média era o contrário: preocupava-se mais com o pecado do que com o pecador.

Como explicar historicamente esta nova orientação que terá tantas consequências para a Igreja, a Teologia e a catequese?

A explicação talvez esteja na influência da mentalidade germânica, para a qual a realidade suprema é a que pode ser percebida imediatamente.

Outro fator é a contribuição da Teologia e da piedade que acentuam nessa época a divindade de Cristo e de Maria como mãe de Deus e a consciência do pecado.

Ressalte-se ainda a influência dos povos bárbaros, que não possuíam uma fé tão esclarecida e fundamentada na palavra de Deus.

Também as lutas que surgiram no século XI entre o sacerdócio e o Sacro Império, e a desordem quase geral que se seguiu à época que estamos vendo, orientaram o pensamento cristão para a dimensão jurídica da Igreja e o pecado de seus membros.

A história da catequese do século XVI mostrará também que ela foi profundamente influenciada pelas opiniões teológicas, fruto dos desentendimentos com os protestantes.

O PERIGO DAS RIQUEZAS

26.º domingo do tempo comum
01/10/89

1.ª leitura: Am 6, 1a.4-7.

Amós faz dura crítica ao luxo em que vivia a elite de seu tempo (vv. 4-6). Ironicamente ele a retrata banquetando-se com finas iguarias. "Aproveitam a vida" sem se importar com ruína do povo, causada por eles próprios. Vivem insensíveis diante do sofrimento dos mais necessitados. Mas tudo isso vai acabar, é o que diz o profeta em nome de Deus. Essa elite será a primeira a ser deportada para o exílio.



A prática do direito e da justiça é um chamado que persiste ainda hoje. O coração humano continua ser tentado e as palavras de Amós são uma advertência contra as falsas seguranças.

2.ª leitura: 1 Tm 6, 11-16.

Paulo preocupa-se com a autenticidade de vida das comunidades cristãs. Por isso, escreve a Timóteo dando-lhe diversos conselhos, descrevendo o verdadeiro modelo de vida e dizendo que Timóteo deve ser o exemplo na busca das boas virtudes (vv. 11-12). Timóteo deve combater o combate da fé, por ter sido "convocado" por Deus. Deve ser fiel à profissão da fé batismal. Assim devem ser os ministros. Os cristãos também são chamados a viver a fé em palavras e ações. Nos vv. 15-16 Paulo afirma a soberania de Jesus, criticando assim o culto pagão prestado a pessoas ou coisas.

Evangelho: Lc 16, 19-31.

Esse texto traz a parábola do rico e de Lázaro. De um lado Lázaro, o desfavorecido, vive na miséria, mendigo e doente e, do outro, o rico cercado de luxo, que vive de banquetes diários. Com isso o evangelista faz um convite à conversão antes que seja tarde demais.

Esse evangelho é uma chamada de atenção à forma farisaica de ver a sociedade que diz ser normal a existência de ricos e pobres.

Após a morte de ambos, a situação se inverteu. Lázaro está no seio de Abraão, ou seja, junto àqueles que viveram a fé, enquanto que o rico está em tormentos. Vivendo egoisticamente ele construiu diante de si um abismo que o impediu de ver no outro o irmão.

Comentário:

O apego à riqueza torna a pessoa auto-suficiente e insensível aos outros e a Deus. Preocupa-se em demasia com a própria segurança sem se importar com aqueles que vivem na miséria e no sofrimento. O Evangelho de hoje é um convite que Jesus nos faz para que

Ilustrações: extraídas do Missal Dominical - Edições Paulinas

nos convertamos e nos empenhemos na luta pela justiça, confiando sempre que Deus é Pai. A comunidade, que é a Igreja, é chamada a viver a fraternidade.

LEITURAS DA SEMANA: DIA 2, 2ª-f.: Ex 23,20-23; Mt 18,1-5.10. DIA 3, 3ª-f.: Zc 8,20-23; Lc 9,51-56. DIA 4, 4ª-f.: Ne 2,1-8; Lc 9,57-62 ou prs Gl 6,14-18; Mt 11,25-30. DIA 5, 5ª-f.: Ne 8,1-4a.5-6.8-12; Lc 10,1-12. DIA 6, 6ª-f.: Br 1,15-22; Lc 10,13-16. DIA 7, SÁBADO: Br 4,5-12.27-29; Lc 10,17-24 ou prs At 1,12-14; Lc 1,26-38.

O SERVIÇO FEITO NA HUMILDADE E FIDELIDADE

27.º domingo do tempo comum
08/10/89

1.ª leitura: Hab 1, 1-3; 2, 2-4.

Esta leitura é um diálogo entre o profeta e Deus. Habacuc se sente atormentado pelo silêncio de Deus diante das injustiças e opressões praticadas contra o povo.



Deus responde que isso não ficará impune. Outro castigo maior virá: o exílio através do domínio babilônico. O profeta se indigna: irá Deus castigar igualmente o justo e o injusto?

Mas o profeta pode ficar tranqüilo: os caminhos de Deus são corretos. Vão sucumbir apenas os que não são retos, ou seja, aqueles que acreditam nas próprias forças e vivem na arrogância; o justo viverá pela sua fidelidade (2,4).

A fidelidade é que torna o homem justo. É preciso confiar, pois Deus jamais abandona o seu povo, aquele que ama, mesmo quando à primeira vista a injustiça pareça triunfar.

Por fim, o profeta eleva, em tom alegre, sua oração em louvor e honra de Deus Salvador.

2.ª leitura: 2Tm 1, 6-8. 13-14.

Paulo escreve a Timóteo pedindo que o mesmo não se envergonhe do Evangelho, que observe a doutrina sadia recebida do Apóstolo e que guarde o bom depósito da fé (vv. 13-14) que é a doutrina verdadeira sobre Jesus Cristo e a vida cristã.

O discípulo de Cristo deve manter-se firme, confiando no Senhor mesmo cercado de sofrimentos, pois é Deus quem o fortalece.

O cristão é responsável não só pela sua fé, mas também pela do irmão. A coragem e o testemunho são as marcas indeléveis de muitos cristãos que na atualidade, sofrem perseguição por causa de sua fé.

Evangelho: Lc 17, 5-10.

A resposta de Jesus ao pedido dos Apóstolos: "aumenta-nos a fé" mostra o que pode realizar na vida

aquele que é animado por uma fé viva, profunda e inabalável (vv. 6-7).

O poder da fé constitui a primeira parte do Evangelho. Na segunda se destaca a humildade no cumprimento do dever: (vv. 7-10) "Somos servos inúteis" (v. 10). A inutilidade do servo é a pobreza da criatura. Isso não quer dizer que aquilo que o homem faz é inútil. Mas um chamado a todos para não viverem atitudes de vaidade e orgulho quando da realização de alguma atividade.

Comentário:

As leituras de hoje vêm demonstrar que a adesão de fé implica também a lealdade, a fidelidade e grande humildade.

Num mundo marcado pelo pecado, viver a fé implica a busca da justiça, a vivência da solidariedade e da liberdade: Implica a construção da Igreja: Povo de Deus, comunidade de irmãos, onde todos são chamados a dar o melhor de si no serviço do bem comum: de Deus e dos irmãos.

O cristão é convocado a fazer-se servo de todos à semelhança de Jesus.

LEITURAS DA SEMANA: DIA 9, 2ª-f.: Jn 1,1-2,1.11; Lc 10,25-37. **DIA 10, 3ª-f.:** Jn 3,1-10; Lc 10,38-42. **DIA 11 4ª-f.:** Jn 4,1-11; Lc 11,1-4. **DIA 12, 5ª-f.:** Est 5,1b-2; 7,2b-3; Ap 12,1.5.13a.15-16a; Jo 2,1-11. **DIA 13, 6ª-f.:** Jl 1,13-15; 2,1-2; Lc 11,15-26. **DIA 14, SÁBADO:** Jl 4,12-21; Lc 11,27-28.

GRATIDÃO: TESTEMUNHO DE FÉ DO CRISTÃO

28.º domingo do tempo comum
15/10/89

1ª leitura: 2Rs 5,14-17.

Nesta leitura temos a cura do estrangeiro Naamã, general do exército da Síria. Este, por ordem do profeta Eliseu, depois de um momento de hesitação, banha-se nas águas do Jordão e vê-se curado (v. 14).

Como reconhecimento quis dar uma oferta a Eliseu que prontamente a recusou. A recusa do profeta quer significar que foi Deus quem agiu e não ele (v. 16). O dom de Deus vem do amor gratuito.

Naamã proclama sua fé no Deus de Israel e em sinal de gratidão pediu para levar consigo um pouco de terra, prometendo doravante adorar somente ao verdadeiro Deus.

A humildade do profeta, que só quer que Deus apareça e a gratidão do sírio são duas virtudes importantes na vida de todo cristão.



2ª leitura: 2Tm 2,8-13.

O amor ao Evangelho e aos eleitos exige empenho total (vv. 9-10).

Paulo está preso por causa de Jesus e do Evangelho, mas mantém-se firme e fiel e conclama a Timóteo que faça o mesmo, ou seja, que conserve intacta a verdadeira fé e que a transmita.

O anúncio do Evangelho, mesmo cercado de sofrimentos, já é certeza de vitória, pois, Jesus ressuscitou e sua ressurreição é a esperança da vida nova para nós, é a garantia de nossa ressurreição, se ficarmos firmes na fé.

As últimas frases formam um hino da liturgia baptismal (vv. 11-13) onde a comunidade dos batizados é chamada a viver o seu batismo numa vida autêntica e perseverante para reinar com Cristo.

Evangelho: Lc 17,11-19.

Este Evangelho mostra a gratuidade de Deus através da cura e é uma verdadeira catequese sobre a fé.

Dez leprosos são curados, mas não imediatamente. Jesus os envia para que se mostrem ao sacerdote (v. 14). É preciso ter fé de que a palavra de Jesus se realizará, mas um só volta para manifestar reconhecimento, gratidão e é um estrangeiro (vv. 15-16).

Jesus censura a atitude dos outros nove: "onde estão..." (v. 17).

Os outros nove, por não serem estrangeiros, por serem conhecedores da lei, por cumprirem as prescrições, acham-se justificados, uma vez que se mostraram aos sacerdotes; acham que tudo o que recebem é por "direito" e assim não sentem a necessidade de agradecer. Não reconhecem que tudo é graça. Não reconhecem o dom que Deus lhe faz em Cristo.

A atitude do estrangeiro agradecido é louvada por Jesus. Este realmente é salvo, por sua fé: "tua fé te salvou" (v. 19).

O samaritano agiu assim não por se sentir obriga-

AM Propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.

Fundada em 28 de maio de 1898. Registrada no SNPI sob n.º 22. 689, no SEPJR sob n.º 50, no RTD sob n.º 67 e na DCDP do DFP, sob n.º 199. P. 209/73 BL ISSN 0005-1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil.

Diretor responsável: Cláudio Gregianin (MTPS) n.º 14 696)

Administração: Hely Vaz Diniz

Arte: Roberta Masciarelli (direção), Rubens Barboza e Nelson Veríssimo (assistentes)

Preparação e revisão: Horácio Menegat, Antônio Maurício Rocha Lima

Composição, fotolito e impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria Ltda. Rua Martim Francisco, 656 — (Vila Buarque — CEP 01226) — São Paulo.

AVE MARIA é uma publicação mensal da Editora Ave Maria Ltda. **Redação, publicidade, administração e correspondência:** Rua Martim Francisco, 656, 3.º e 4.º andares. Tel. (011) 66-2128 e 66-2129. Cx. P. 54215 (CEP 01296) — São Paulo (SP).

A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo), vale postal ou valor declarado em nome da Administração da revista **Ave Maria** — A maioria das cidades são visitadas por nossos representantes, que renovam as anuidades a domicílio; nas demais as renovações de assinaturas são feitas por banco ou correio.

Preços: números avulsos: NCZ\$ 2,00. **assinatura nova e renovação:** NCZ\$ 20,00. **assinatura de benfeitor:** 40,00.

do, mas por perceber a dádiva divina através de Jesus Cristo; sua atitude é de gratidão por reconhecer a graça.

Comentário:

As leituras deste domingo nos chamam a atenção para as atitudes de fé e gratidão que devem existir em nosso relacionamento, tanto para com Deus quanto para com os irmãos.

É necessário abertura à gratuidade do dom de Deus — que nos dá a vida e a saúde.

A comunidade dos crentes é chamada a proclamar a vida nova trazida por Cristo e isto dentro de um agradecimento que proclama o dom de Deus a todos e assim juntos construir o Reino de Deus através de um mundo mais justo e fraterno.

Em tudo isto, a fé inabalável e o testemunho perseverante se fazem mister.

LEITURAS DA SEMANA: DIA 16, 2ª-f.: Rm 1,1-7; Lc 11,29-32. **DIA 17, 3ª-f.:** Rm 1,16-25; Lc 11,37-41. **DIA 18 4ª-f.:** 2Tm 4,10-17b; Lc 10,1-9. **DIA 19, 5ª-f.:** Rm 3,21-30; Lc 11,47-54. **DIA 20, 6ª-f.:** Rm 4,1-8; Lc 12,1-7. **DIA 21, SÁBADO:** Rm 4,13.16-18; Lc 12,8-12.

DEUS FAZ JUSTIÇA AOS SEUS ELEITOS

29.º domingo do tempo comum
22/10/89

1ª leitura: Ex 17,8-13.

O povo é sustentado por Deus durante a sua peregrinação rumo à terra prometida.

Os amalecitas representavam um perigo ao plano de Deus, pois queriam impedir que Israel possuísse a terra prometida e, assim a vida.

Mas Moisés, em sua oração incessante, conduz o povo à vitória. É preciso não vacilar, é preciso ter fé, mesmo quando certos momentos se tornam difíceis: “seus braços ficaram pesados” (v. 12). Pois Javé é o Deus da vitória, da vida (vv. 12-14).

Moisés é assim, a figura-tipo do intercessor ou mediador entre Deus e seu povo: o homem de Deus que reza desde a manhã até à noite.

O povo eleito, em sua caminhada histórica, tomou consciência de que este tipo de perigo — contra o projeto de Deus — precisa ser combatido, porque ele significa ameaça à vida, ameaça à liberdade.

2ª leitura: 2Tm 3,14.4,2.

Paulo exorta a Timóteo sobre o valor da Bíblia, palavra de Deus que conduz a Cristo e Cristo Ressuscitado — penhor de nossa salvação: “A Bíblia tem o poder de comunicar a sabedoria que conduz à salvação pela fé em Cristo Jesus” (v. 15b).

Ela nos diz que Jesus é a sabedoria de Deus, manifestada ao mundo através de suas palavras e vida.

Toda Bíblia é inspirada por Deus. Por isso nela todo cristão tem a base para formar-se na justiça, para as boas obras, ou seja, a vida que Deus quer.

É necessário pregar sempre “no tempo oportuno e no inoportuno” (4,2). É preciso exortar e denunciar tudo aquilo que se faz obstáculo à causa do Reino.

O Evangelho: Lc 18,1-8.

O Evangelho nos mostra uma viúva que implora por seus direitos junto a um juiz pouco interessado: não comprometido com a justiça e com a causa dos simples — dos pobres que não têm dinheiro para apressar a ação judicial. O juiz deveria ser imparcial: “Todos são iguais perante a lei”.

Finalmente ele a atende, não por temer a Deus — ele não temia (v. 4), nem por respeito humano (v. 4) e muito menos ainda por um gesto de altruísmo, mas por se sentir enfadado pela insistência da viúva.

O ser humano, na sua ânsia de poder muitas vezes se sobrepõe aos outros violando até seus mais essenciais direitos.

Mas se, pela simples insistência, para não se sentir incomodado, o juiz atendeu à viúva, quanto mais Deus, que é Pai, não faria justiça a seus e eleitos que clamam a Ele dia e noite? (v. 7). Por isso os cristãos são chamados a orar sempre, sem cessar, confiando que Deus, em breve, fará justiça e porá fim às iniquidades que quebram os laços de fraternidade entre as pessoas, gerando a morte. Deus vai ao encontro do pedido insistente dos eleitos: dos oprimidos. Contudo é preciso manter-se fiel. Daí a desafiante pergunta com que é terminada a parábola: “Quando o Filho do homem voltar, encontrará a fé sobre a terra”? (v. 8). Existem muitos perigos que podem abalar a fé. Por isso esta pergunta é uma admoestação a crer com firmeza e vontade e assim testemunhar o bem e a verdade em todos os lugares. É preciso perseverar na súplica e busca da justiça de Deus.

Comentário:

A oração constitui o ponto fundamental da vida do cristão. Mas é preciso que a mesma seja acompanhada de ação. A letargia não faz parte do currículo daqueles que se dizem seguidores de Jesus. Sua ação comporta a busca do Reino que se faz presente lá onde a injustiça cede lugar à justiça; a cobiça, à igualdade; o ódio à fraternidade; a violência, ao respeito humano e a morte à vida. Cristo é o Senhor da história e certamente jamais nos abandonará, pelo contrário, ele está sempre junto a nós na pessoa do irmão — dos “menores”.

Antonio Carlos Ferreira, cmf

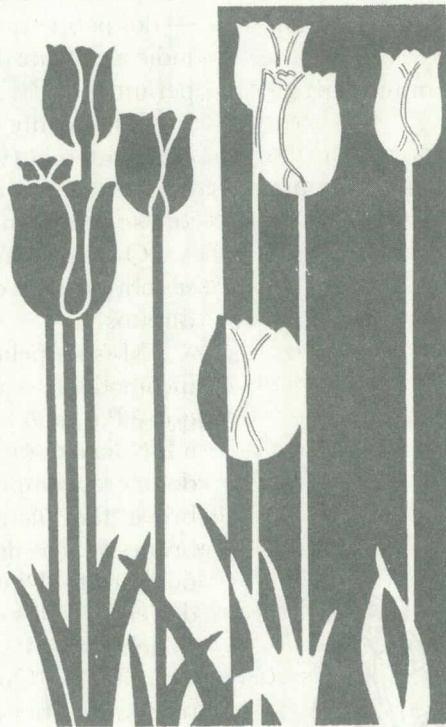
LEITURAS DA SEMANA: DIA 23, 2ª-f.: Rm 4,20-25; Lc 12,13-21. **DIA 24, 3ª-f.:** Rm 5,12.15b.17-19.20b-21; Lc 12,35-38. **DIA 25 4ª-f.:** Rm 6,12-18; Lc 12,39-48. **DIA 26, 5ª-f.:** Rm 6,19-23; Lc 12,49-63. **DIA 27, 6ª-f.:** Rm 7,18-25a; Lc 12,54-59. **DIA 28, SÁBADO:** Ef 2,19-22; Lc 6,12-19.

M • A • R • I • A :

A PRIMEIRA ENTRE OS PEQUENINOS SÍMBOLO DO ACOLHIMENTO

José Cristo Rey García Paredes

Nesta página mariana apresentamos a continuação da série de 30 meditações (que posteriormente poderão ser colecionadas). São reflexões desenvolvidas a partir da encíclica Redemptoris Mater (Mãe do Redentor) do papa João Paulo II. É a espiritualidade mariana que poderá nos ajudar na vivência da fé cristã e na prática da caridade.



Maria na comunhão dos santos

“Maria, por sua mediação subordinada à do Redentor, contribui de maneira especial para a união da Igreja peregrina na Terra, com a realidade escatológica e celestial da comunhão dos santos, havendo sido já elevada aos céus” (RM, 41).

Todos os fiéis sabem que a morte não interrompe a união ou comunhão daqueles que peregrinam na História com os irmãos e as irmãs que dormiram na paz de Cristo. Ao contrário, existe entre eles uma admirável e misteriosa comunhão de bens espirituais (LG, 49). Os que estão unidos estreita e definitivamente com Cristo, os que já chegaram à pátria e gozam da presença do Senhor, participam da vida e do dinamismo daquele que, sentado à direita do Pai, atua sem cessar no mundo (LG, 48); por ele e com ele nossos irmãos não cessam de interceder por nós diante do

Pai... através do único mediador... Sua fraterna solicitude ajuda muito nossa debilidade (LG, 49). Se esta é a comunhão com os santos, que características não terá a comunhão com a santíssima mulher, mãe do Senhor, a primeira entre os fiéis? Por Cristo, com ele e nele, Maria está presente em nós, atua em nós. Nela a ressurreição produziu cem por um. Como estranhar então que milhares e milhares de fiéis, comunidades e povos testemunhem a experiência da proximidade dessa mulher bem-aventurada? Não é esta a chave para entender esse clamor popular do povo de Deus através dos séculos, que proclamou Maria como a elevada, a ressuscitada e cuja suprema expressão foi a proclamação do dogma da Assunção?

A presença de Maria na Igreja não é excepcional por ser exclusiva, mas por

ser “a primeira” na presença dos bem-aventurados na Igreja peregrina. Maria está presente entre nós desde a admirável comunhão dos santos, como Igreja celeste, como protótipo da Igreja peregrina.

Oração

Que misteriosa comunhão e solidariedade mantemos, ó Pai, com todos os que morreram em Cristo e com ele vivem diante do Senhor! Faça, pois, que sua fraterna solicitude ajude muito nossa fraqueza. E, acima de tudo, atenda às súplicas de Maria, nossa mãe na fé, para que todos nós formemos essa Igreja que ela tão maravilhosamente tipifica. Amém.

O Magnificat e o Deus de Maria

“Quando Isabel saudou a jovem grávida que chegava de Nazaré, Maria respondeu com o *Magnificat*. Aquilo que no momento da anunciação permanecia oculto na profundidade da obediência da fé, agora se manifesta como uma chama do espírito, clara e vivificante. As palavras usadas por Maria, ainda na porta da casa de Isabel, constituem uma inspirada profissão de sua fé... Nessas palavras vislumbra-se a experiência pessoal de Maria, o êxtase de seu coração” (RM, 36).

O evangelista Lucas nos mostra no *Magnificat* que tipo de relação mantinha Maria com o Deus que a chama. Deus aparece no cântico de Maria como “o Senhor”, “meu salvador”, “o poderoso que faz maravilhas em favor

RENOVAÇÃO CARISMÁTICA

(I.C. - Mogi-Guaçu, SP)

(2075)

Prezada leitora:

A Renovação Carismática Católica é um "movimento" que tem sua atuação no âmbito da Igreja, isto é, faz parte da vasta gama de dons concedidos pelo Espírito Santo à Igreja.

Como em toda a atividade humana, muitas atividades eclesiais são realizadas na possibilidade de não serem perfeitas. Na RCC não é diferente: existem, de fato, muitos aspectos que precisam ser melhorados para um desempenho pastoral mais eficaz. Em não raras comunidades não há a assistência eclesial devida por parte de sacerdotes experientes que se disponham a acompanhar os passos do movimento. Diante disso, é possível apontar alguns aspectos que carecem de revisão e orientação em alguns grupos de Renovação: um certo intimismo na espiritualidade; falta de uma formação doutrinal mais consistente; certa secularização das comunidades e da pastoral orgânica da Igreja; ênfase exagerada ao extraordinário; dependência, em certos casos exagerada, às influências de elementos não fundamentais, como, por exemplo, os gestos; certa imprudência no exercício do discernimento espiritual etc.

O Magistério da Igreja reconhece que há valores na RCC. Transparece claramente em vários documentos a intenção dos pastores de acolher e acompanhar sua caminhada. A Renovação Carismática é entendida antes como uma efusão do Espírito que se dá no interior da Igreja do que como um movimento. Dessa forma, o Magistério não fala do movimento da RCC, mas sim de uma renovação intra-social do Espírito. Vejamos, por exemplo, o que nos diz o documento das conclusões da Conferência de Puebla no n.º 207: "Os carismas nunca estiveram ausentes da Igreja. Paulo VI expressou sua complacência para com a renovação espiritual que aparece nos meios e lugares mais diversos e que leva à oração de alegria, à união íntima com Deus, à fidelidade ao Senhor e a uma profunda comunhão de almas. Do mesmo modo procederam várias conferências episcopais..."

A CNBB designou em seu nome, para assessorar a RCC, o arcebispo de Vitória, dom Silvestre Scandian. Ele preparou um relatório intitulado "RCC o que é?", do qual selecionamos alguns pontos: a) é um sopro do Espírito Santo que impele os cristãos a terem uma experiência pessoal e viva da presença e da ação de Deus; é uma luz do Espírito Santo que os faz reconhecer que Jesus Cristo é o Senhor de suas vidas, da Igreja e da História; b) a RCC caracteriza-se pela valorização da oração individual e comunitária, a partir da vida e da palavra de Deus, salientando-se a oração de louvor nas formas mais variadas; c) as pessoas experimentam libertação, alegria, segurança, crescem na caridade fraterna e na vivência comunitária, aprendem a discernir a vontade de Deus e a permanecer em comunhão com a hierarquia; d) a RCC realiza uma forma de evangelização e aprofundamento doutrinal, através da meditação e do estudo da Sagrada Escritura e de outras leituras de orientação católica, através do ensino dado nas reuniões semanais ou em seminários de vida no Espírito, retiros e cursos; e) dirige-se a bispos, sacerdotes, religiosos e leigos, sobretudo os engajados ao movimento, levando-os a alcançarem aquela renovação interior no Espírito exigida pelo Vaticano II, de modo que os filhos de Deus, espelhando-se em Cristo e guiados pelo Espírito santificador, possam caminhar com segurança rumo à santidade, meta comum e definitiva de todos — a isso se dispõem os membros mais conscientes; f) os membros da RCC não se constituem de estruturas da Igreja, mas devem engajar-se nessas estruturas como as CEB's, paróquias, dioceses, levando para elas a luz nova e a força recebidas para servir na Igreja e no mundo".

Após a celebração do que é chamado "Batismo no Espírito Santo", muitas pessoas passam a testemunhar bons frutos em suas comunidades. Este não é considerado enfaticamente por eles como um sacramento, mas como uma efusão do Espírito que ajuda a desabrochar a semente recebida no batismo.

Júlio César Melo Miranda, cmf

dela", "o santo", "o misericordioso de geração em geração", "aquele que põe seus olhos na humilhação de sua serva". Esse Deus, próximo e transcendente, não surge como Deus, nosso Pai, mas como um Deus de graça, especialmente voltado para os mais pobres e humilhados; neles fixa seu rosto querendo instaurar o Reino para trazer-lhes liberdade e alegria. O Deus a quem Maria reconhece no *Magnificat* não é o Pai, não é o esposo. Maria não estabelece com ele uma relação filial ou sponsal, mas uma relação de profunda dependência e obediência, como expressam os termos "senhor-serva", "grandeza-pequenez", "poderoso-impotência". O Deus de Maria é, sobretudo, o libertador, o salvador, o Deus do Reino. Maria sente-se inclinada a participar desse acontecimento. E há de colaborar com sua maternidade para a vinda do Reino de Deus.

Quando a Igreja pronuncia o *Magnificat* e se identifica com os acontecimentos mais íntimos de Maria, "chega à verdade sobre o Deus da aliança" (RM, 37). No *Magnificat*, Maria — e com ela a Igreja —, proclama a verdade sobre Deus; verdade não ofuscada pela dúvida, pela suspeita; verdade que nasce de um agradecimento: o *Magnificat* só pode ser colocado na boca da segunda Eva.

Oração

Pai, que prefere manifestar seus mistérios aos pequenos e que manifestou toda a sua interioridade a Maria, a primeira entre os pequenos, conceda-nos um coração humilde, simples, como o de Maria, para que possamos chegar a conhecer sua verdade e a viver somente para Deus e para seu Reino. Isto lhe pedimos por Jesus Cristo, seu filho e nosso Senhor. Amém.

Tradução: Suely Mendes Brazão

(José Cristo Rey García Paredes é sacerdote claretiano, professor de teologia e diretor da revista Vida Religiosa, em Madri).

Mais uma dica de Toby Rice Drews para a esposa do alcoólatra: não tenha medo de perdê-lo

Donad Lazo

Toby Rice Drews, assistente social e conselheira para famílias de alcoólatras, escreveu dois livros chamados: "Getting Them Sober" (Tornando-os Sóbrios), Volume 1 e Volume 2. O primeiro tem 40 capítulos e o segundo 26. Os livros constituem um guia para os que vivem com um alcoólatra e cada um dos 66 capítulos oferece uma dica importante para estas famílias sofredoras. Para os leitores da revista *Ave Maria*, eu venho resumindo estas dicas periodicamente, e a de hoje toca num dos assuntos que mais impede as esposas de alcoólatras de agir correta e construtivamente com os seus maridos: o medo de que ele possa ir embora.

Esposa, há anos teu marido alcoólatra vem dizendo que você é a causa do beber dele, que você não sabe fazer nada direito e que nunca faz o suficiente por ele. Essa torrente de críticas através dos anos acabou levando-a a sentir-se mais baixa que uma minhoca.

Ao mesmo tempo, por incrível que pareça aos outros, você considera seu marido o máximo — a inveja de pedaço! Pelo menos, você o trata como se fosse, e ele está ali para confirmar que ele merece tal tratamento, porque ele é o bom.

O que poderia ser pior do que perder este belo machão, sobretudo após tê-lo pescado, você mesma, há muitos anos e depois de ter investido tantos anos na con-

vivência com ele? Afinal, tua vida vem girando em torno dele 24 horas por dia desde não sei quando, não é mesmo? Não é verdade que há anos você vem se preocupando com ele constantemente, chegando até a negligenciar seus filhos, sua própria aparência, sua saúde, para não falar em sua condição mental?

E qual tem sido a sua recompensa? Ele a tem deixado apavorada com a idéia de abandoná-la se não continuar fazendo tudo o que ele quer. Afinal, ele sempre explica, tem "milhares de gatas lá fora" esperando por ele.

Como se lida com um marido desses?

Bem, é preciso entender alguns fatos. O primeiro deles é que o alcoólatra é um dependente do álcool. E o dependente do álcool precisa sempre muita ajuda de seus "facilitadores" para poder continuar bebendo à vontade. E isso quer dizer que *ele depende, e muito, de você*.

A segunda coisa a entender é que o alcoólatra é um "negador" da realidade, e uma das realidades que ele nega é que ele precisa muito mais de você do que você precisa dele. Ele nega essa realidade falando o tempo todo do quanto as mulheres (inclusive você) precisam dele. Mas está asubindo na escuridão. Não é verdade. Quem é que precisa de uma pessoa que anda bêbada a maior parte do tempo? Se alguma moça parece ser atraída por essa pessoa, pode crer que é porque ela não a conhece, e não tem que viver (e dormir) com ela. Pode crer.

Interiorizando estas verdades é muito importante para você, pois ajudam a arrumar a coragem que precisa para agir da maneira que devia, desafiando o seu blefe. Nunca perca de vista o fato dele precisar muito de você. Não é você que precisa dele. Assim sendo, a próxima vez que ele ficar com esse costumeiro acesso de raiva, fizer as malas e sair de casa, saiba que dentro de uns dias (ou algumas horas), quando acabar a festinha dele e seu dinheiro, ele vai querer arranjar algum jeito de voltar para casa sem demonstrar o óbvio que voltou porque precisa de você. E diga-lhe: "Sim, é melhor que você saia mesmo. E não volte até que tenha decidido parar de beber e se tratar".

Mas, você pergunta, "e se ele me abandonar mesmo?"

Bem, senhora, se ele a abandonar mesmo, saiba que a coisa mais fácil do mundo será substituí-lo, se é que você quer mesmo outro igual. Eu lhe garanto que você encontrará mil outros iguais *em um dia*, bastando colocar um simples anúncio no jornal:

"Precisa-se: um companheiro; um que esteja bêbado 50% do tempo e que entre e saia de casa a hora que bem entender. Toda vez que entrar, sempre encontrará uma família cheia de gratidão pelo simples fato de ter voltado e disposta a fazer qualquer coisa para agradá-lo para que ele não saia de novo tão cedo. Faremos todas as tarefas de casa sem esperar que ele cumpra qualquer responsabilidade normal de marido e pai. O senhor poderá entrevistar a família a hora que quiser para saber se preenchemos as suas necessidades".

*Senhor,
o nosso coração
está inquieto...*

(S. Agostinho)

*Você não está
inquieto? inquieta?
Jovem, qual o seu ideal?*

**VIDA RELIGIOSA
AGOSTINIANA:**

- Vida de oração
- Comunidade Fraternal
- Serviço ao povo de Deus: evangelização, educação, promoção humana, missão, CEBs.

**INFORMAÇÕES EM NOSSO
SECRETARIADO VOCACIONAL**
Irmãs Agostinianas Missionárias
Padres Agostinianos
R. Eng. Figueiredo, 31 - Vila Mariana
04012 - São Paulo - SP
Fone: (011) 571-8959

QUE BOM QUE VOCÊ VEIO!

(Recado do Coriês)

FICO CONTENTE EM SABER QUE VOCÊ ESTÁ SE BATIZANDO POR ALGO MAIS DO QUE O MEDO DE MORRER PAGÃO...

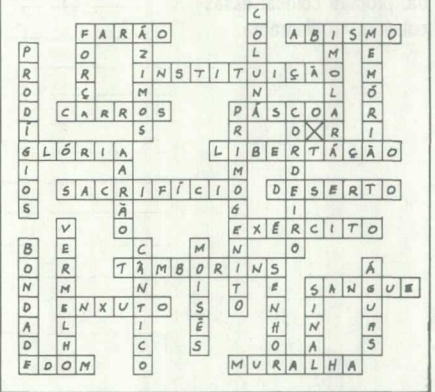


E, trinta anos depois do mesmíssimo dia da plenitude dos tempos, apresentou-se Jesus, com cara de bom e mãos calosas, um homem como qualquer outro, apostando na força do ser humano, contra os costumes e a tradição.



RESULTADO

EDOM; AARÃO; ÁGUAS; FARAÓ; FORÇA; SINAL; ABISMO; ÁZIMOS; CARROS; COLUNA; ENXUTO; GLÓRIA; MOISÉS; PÁSCOA; SANGUE; SENHOR; BONDADE; CÂNTICO; DESERTO; IMOLARÁ; MEMÓRIA; MURALHA; CORDEIRO; EXÉRCITO; VERMELHO; PRODÍGIOS; TAMBORINS; LIBERTAÇÃO; SACRIFÍCIO; INSTITUIÇÃO; PRIMOGÊNITO;



Se queres ter informações ou se queres participar da Congregação dos **SERVOS DA CARIDADE**, que testemunham o amor de Deus entre os homens, promovendo os mais abandonados, escreva para:

Sede Provincial
 Servos da Caridade
 Rua Gen. Lima e Silva, 144
 90. 050 - Porto Alegre - RS

JOVEM, TE SENTES CHAMADA PARA SEGUIR JESUS CRISTO?

Lembra-te que Cristo te estende a mão.

Ele precisa de ti no Instituto das Filhas de Nossa Senhora das Graças, para juntas, cuidarmos com amor e carinho, de todas as crianças carentes, doentes e abandonadas, que de nós necessitam. O nosso carisma é variado, vem conhecê-lo. Escreve-nos e logo terás a resposta.



INSTITUTO DAS FILHAS DE NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS

Rua Mons. José Vita, 320 - 12460 - Campos do Jordão, SP

O QUE VOCÊ VAI DIZER QUANDO O MENINO JESUS CHEGAR?

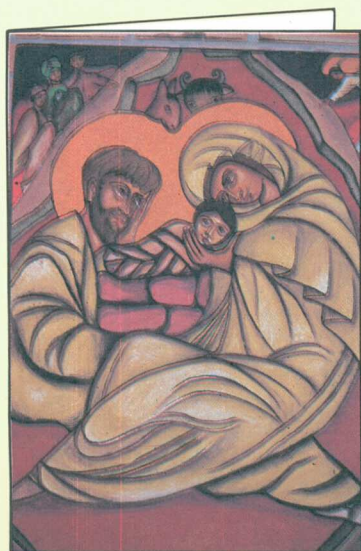
*POIS É, AMIGO... O NATAL JÁ SE APROXIMA!
E COMO GOSTARÍAMOS DE ESTAR
PRÓXIMOS DE TODOS AQUELES
QUE NOS SÃO CAROS!
COMO ABRAÇAR A TODOS
AQUELES QUE NOS
ACOMPANHARAM DURANTE O ANO?
— ISSO É POSSÍVEL? — CLARO!
COM CARTÕES DE NATAL,
SEU RECADO “CHEGA LÁ...”*

Não deixe para depois... Mande cartões de Natal a quem espera sua palavra amiga.

A revista Ave Maria lhe oferece lindos modelos. Conheça nossa promoção e faça já sua encomenda. Além de estar comunicando a verdade e a paz do

menino Deus, você estará contribuindo para a formação dos futuros missionários claretianos. Escreva-nos.

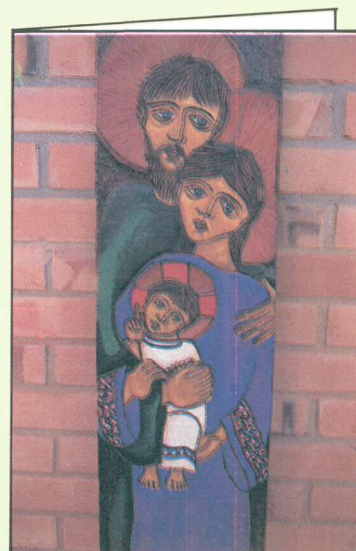
Cartões de Natal - uma ótima idéia. Retribua a amizade e o afeto de tantas pessoas desejando-lhes as melhores bênçãos de Deus e um Feliz Ano Novo.



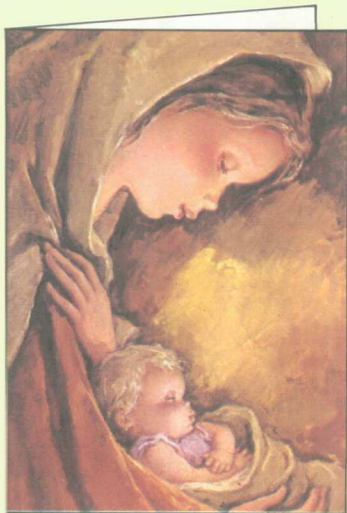
Nº 77 (110 x 165 mm)



Nº 78 (110 x 165 mm)



Nº 79 (110 x 165 mm)



N° 31 (210 x 150 mm)



N° 34 (200 x 150 mm)



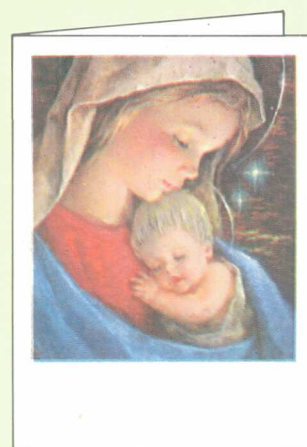
N° 39 (210 x 150)



N° 10 (200 x 145 mm)



N° 08 (200 x 145 mm)



N° 35 (200 x 130 mm)

MODELOS

MODELOS	ASSINALE AQUI A QUANTIDADE DE CARTÕES PEDIDOS
N° 08 NCz\$ 1,00 cada	cartões
N° 10 NCz\$ 1,00 cada	cartões
N° 31 NCz\$ 1,00 cada	cartões
N° 34 NCz\$ 1,00 cada	cartões
N° 35 NCz\$ 1,00 cada	cartões
N° 39 NCz\$ 1,00 cada	cartões
N° 77 NCz\$ 1,00 cada	cartões
N° 78 NCz\$ 1,00 cada	cartões
N° 79 NCz\$ 1,00 cada	cartões
SUBTOTAL	cartões

ATENÇÃO!

Para você saber com clareza o valor do seu pedido e o desconto de que você vai desfrutar, faça assim:

- 1 — Preencha corretamente os espaços pontilhados.
- 2 — Some a quantidade de cartões pedidos.
- 3 — Verifique, na *tabela de descontos*, onde a quantidade total do seu pedido se enquadra. Com isso, você saberá quanto de desconto você desfrutará.

TABELA DE DESCONTOS

Quantidade de pedidos

Pedidos de 201 a 400 cartões 10% de desconto
 Pedidos de 401 a 600 cartões 20% de desconto
 Pedidos de 601 a 800 cartões 30% de desconto
 Pedidos acima de 800 cartões 40% de desconto.

Reúna os pedidos dos amigos para conseguir maiores descontos!

Preencha os espaços corretamente, indicando a quantidade de cartões desejados e envie para:
SECRETARIADO VOCACIONAL CLARETIANO

Caixa Postal 54215 - CEP 01296 - São Paulo - SP

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

CEP: _____ Estado: _____

Assinatura: _____

OBS.: Cada cartão vem acompanhado do respectivo envelope.

- Os cartões serão remetidos por meio do Secretariado Vocacional Claretiano e pagos pelo reembolso postal. Logo que receber o aviso do Correio, vá buscar seus cartões.
- Você paga no Correio o valor correspondente ao seu pedido mais o porte postal.